

A Igreja e os problemas humanos

Declaração sobre o aborto provocado

Nos tempos atuais nada tem escapado a um questionamento maciço e desordenado, levando a campanhas equivocadas de opinião pública. Dentro e fora da Igreja, o tumulto dos problemas tontela frequentemente os espíritos. Por isso, quando vem à tona o debate de um problema crucial — caso do aborto provocado e a tentativa de sua legalização em diversos países — não poderia faltar a orientação oficial da Igreja que o faz através da Declaração sobre o aborto provocado (Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé — 18 de novembro de 1974).

O documento em foco não é apenas um lembrete à “grave obrigação para a consciência dos fiéis”, mas um momento oportuno de colocar as linhas mestras necessárias a uma séria reflexão e a um autêntico comportamento humano em face das responsabilidades do Estado e de cada pessoa a serviço de seu irmão.

Duas dimensões e um só espírito: à luz da fé e à luz da razão, o que está em jogo, no caso do aborto provocado, é a dignidade da pessoa humana e o seu direito primeiro à vida.

A luta pela defesa, proteção e valorização da vida humana é uma constante da tradição cristã. Em largos traços, o documento nos lembra que, desde o início, dos Apóstolos aos Pastores atuais, um só tem sido o ensinamento eclesial em torno deste ponto específico

do aborto. Concluiu com a palavra incisiva de Paulo VI: a doutrina da Igreja “não mudou; e mais, ela é imutável”. A avaliação do cristão não pode restringir-se aos horizontes da vida terrena. À luz da fé, a vida humana toma dimensões mais amplas e o respeito à pessoa implica exigências mais profundas.

Tal posição vem coroar o movimento de toda sã filosofia na qual o homem ocupa o devido lugar. Em um tempo em que “os direitos do homem” são altamente proclamados, a Igreja recorda a todos, muito a propósito, que os inocentes e os desprotegidos (da criança no seio da mãe ao ancião inválido) são os que mais precisam de defesa. E em caso de conflitos de direitos, uma coisa é certa: a pessoa humana não poderá ser tratada como um simples meio ou objeto. A sociedade terá que salvaguardar-lhe os direitos, sobretudo o direito primeiro à vida, sem quaisquer discriminações, mesmo de idade.

Uma visão realista: a Igreja não fecha os olhos à realidade. Tem consciência de que a sociedade industrial e tecnicizada provocou uma série de problemas que pesam violentamente sobre a família moderna. Longe de subestimá-los, procura enfrentá-los com objetividade, porém sem concessões fáceis.

Muitos se apoiam no volume das dificuldades atuais para abrir caminho à legalização do aborto. A Igreja mais realista vai ao fundo da questão: o im-

portante é “procurar levar por diante uma reforma da sociedade e das condições de vida em todos os ambientes, a começar pelos desfavorecidos, a fim de que se torne possível sempre e em toda parte um acolhimento, digno do homem, a toda criança que vem a este mundo.”

Uma ação política, honesta e global, que atinja as causas dos males deve ser o objetivo primeiro dos responsáveis pelo bem comum. Não é demitindo-se da responsabilidade ou facilitando legalmente situações difíceis que o Estado, cômico de sua missão, realizará, a contento, as aspirações sadias de seus membros.

A ação política deve corresponder a uma esclarecida campanha de retificação e consagração dos valores morais. Um problema sério como o da provocação do aborto não poderá ser resolvido, em termos de dignidade humana, descendo-se a níveis de exigências ambíguas, impostas pelo comodismo de mentalidades interesseiras e materialistas.

—)O(—

Por isso, a posição decidida e indiscutível da Igreja parece dura ao primeiro impacto, mas ao contrário é uma plataforma de defesa da pessoa humana no que ela possui de mais sagrado, a vida:

“o homem não pode nunca submeter-se a uma lei intrinsecamente imoral; e esse é o caso precisamente daquela que admitisse em princípio a liceidade do aborto”.

A Igreja no mundo do trabalho

INPS PAGARÁ
SALÁRIO
MATERNIDADE

1. UM FATO REAL E COMUM

Maria dos Anzóis tem 3 filhos. Seu marido Gerônimo sai de casa às 5 horas para trabalhar numa fábrica de sapatos. Ela sai às 6 horas para trabalhar como doméstica numa casa de família. As crianças ficam em casa aos cuidados de Desus e do Talarico, que tem 9 a 10 anos. Depois dele vem o Trindade e por fim a Mônica, caçula da casa com seus 3 a 4 anos.

2. ALTERAÇÃO NA LEI

De acordo com a nova regulamentação proposta pelo ministro Nascimento Silva, da Previdência e Assistência Social, a partir de 1.º de fevereiro próximo, o salário-maternidade será pago pelo INPS e não mais diretamente pela empresa empregadora.

O salário maternidade terá valor correspondente ao salário integral da mulher, salvo a hipótese de um salário variável, caso em que receberá a média dos últimos 6 salários. Quando exerce simultaneamente mais de um emprego, a segurada tem direito ao salário-maternidade relativo a cada emprego.

Com esta alteração entende o Ministro que serão maiores as perspectivas da mulher ingressar

no mercado de trabalho e ela não mais sofrerá as discriminações só pelo fato de ser mãe.

3. ALGUMAS PERGUNTAS

Está fora de dúvida que, em princípio, a transferência do encargo para o INPS é uma avanço em relação à situação anterior. Mas, fica de pé uma série de perguntas referentes à presença da mulher, ou mais especificamente da mãe, no mercado de trabalho.

* Por que estas mães estão procurando tão avidamente um serviço fora de casa: será uma busca de maior realização humana pessoal ou é porque o salário do marido não está dando para o equilíbrio do orçamento familiar? Por que está desequilibrado: ganha pouco ou compra demais?

* As restrições que se faz à presença da mulher no mercado de trabalho são apenas de ordem financeira ou há também outras, tais como as referentes aos problemas inerentes à maternidade, creche, saúde dos filhos, aumento de preocupação que pode levar a um menor rendimento no serviço?

é complexo e exige com urgência medidas de solução. Esta alteração na lei do salário-maternidade vem nos dizer que o Ministério da Previdência e Assistência Social está atento ao problema e faz algo no encaminhamento de uma solução sempre melhor.

A Igreja Católica, pelo ensinamento oficial do seu Magistério, no Concílio Ecumênico Vaticano II, diz o seguinte sobre a mulher que trabalha:

"Com a atividade econômica se processa ordinariamente pelo trabalho associado dos homens, é iníquo e desumano dispô-la e organizá-la de tal modo que se transforme em dano para qualquer trabalhador. Acontece porém muitas vezes, também em nossos dias, que os que trabalham são de certa maneira escravizados pela própria obra. E isto não se justifica, de modo algum pelas assim

chamadas leis econômicas. Portanto, todo o conjunto do processo de produção deve se adaptar às necessidades da pessoa e às modalidades de sua vida primeiramente de sua vida doméstica, sobretudo que diz respeito à mãe de família, levando-se em conta sempre o sexo e a idade. Além de desenvolver as próprias qualidades e a sua personalidade no exercício mesmo do trabalho. Dedicando, com a devida responsabilidade, o tempo e suas forças esta tarefa, tenham todos contudo também a suficiente tranquilidade e repouso para cuidar da vida familiar, cultural, social e religiosa. Bem mais tenham a oportunidade de exercitar livremente as forças e qualidades que talvez a pouco possam aperfeiçoar no trabalho profissional". (A Igreja no Mundo de Hoje, Parte II, capítulo III, 67).

(13-01-1975)

A NOVA FORMA DE CONSAGRAÇÃO DA MULHER

051 211/75

A consagração da mulher, de acordo com o Decreto da Sagrada Congregação para o Culto Divino, apresenta-se como um novo convite para a dedicação das mulheres à Igreja Particular. Elas se consagram a Deus através de uma dedicação total à vida e a missão da Igreja Particular.

Assim, moças que continuam a viver normalmente em casa, no trabalho profissional, no trabalho apostólico, nos estudos, consagram-se à Igreja Particular de São Paulo a fim de aprofundar a sua vocação cristã recebida no batismo e na confirmação. É uma consagração eclesial, enquanto é um ato público e assumido e orientado pela autoridade do Pastor.

As moças que se consagram à Igreja "assumem"

a Diocese, em estreita união com o Pastor, no sentido de colocarem-se a disposição das necessidades do povo, para realizar aquilo que é mais necessário e significativo para o bem dos irmãos, de acordo com os dons e possibilidades de cada uma.

É o amor do Pai que as consagra. Deus é o Senhor de suas vidas, e a Ele elas fazem a consagração total de si mesmas. Elas assumem o Cristo total, na pobreza e na simplicidade evangélica de suas vidas, e na dedicação àqueles que delas precisam. Querem ser, com simplicidade, sem alardes e sem distinções, e no espírito dos "Pobres de Javé" um sinal e uma presença ativa da Igreja em todos os lugares, ambientes e situações.

Unidas ao Bispo, procuram trabalhar em sintonia com ele, pois que, como legítimo sucessor dos Apóstolos ele é o Senhor de Cristo Cabeça e Pastor.

Nada as distingue exteriormente: são moças comuns, que vivem com suas famílias a mesma vida que viviam antes da consagração; continuam em seu trabalho profissional; continuam a realizar seu trabalho apostólico. Tudo, porém, agora é animado pelo espírito da consagração,

— procuram moldar cada vez mais as suas vidas pelo Evangelho que, aos poucos, vai penetrando todas as suas ações e atitudes, todo o seu ser, de maneira a serem elas testemunhas da Palavra, que procuram meditar diariamente;

— têm "como ideal de vida a comunhão com Deus e com os homens";

— e tudo fazem em união com o Bispo e o seu Presbitério.

Estas moças consagradas não vivem, portanto, em comunidade, embora deixem de constituir família, para mais total e livremente dedicarem-se a Deus e aos irmãos. Reunem-se frequentemente, segundo as possibilidades. Procuram orar em comum — a recitação do ofício, a meditação da Palavra de Deus; o estudo sobre a realidade da Igreja Particular, a troca de experiências de vida de consagração e de atividade apostólica, tudo são meios para consolidar a sua vida de comunhão cada vez mais intensa.

De fato, estas reuniões fazem crescer a união que há entre essas moças, atualmente vinte e três na Arquidiocese de São Paulo. União essa que se intensifica e se solidifica na Eucaristia, de que todas pro-

curam, dentro das possibilidades concretas de suas vidas, participar diariamente.

Nesta consagração elas se realizam — como cristãos e como mulheres — pois, "por sua existência feminina mostram o lugar e o sentido da mulher no desígnio de Deus, no mistério da ressurreição e na marcha da humanidade para as Bodas do Cordeiro".

O Senhor Arcebispo, Dom Paulo Evaristo Arns, acaba de publicar uma série de

reflexões e de orientações sobre a "NOVA FORMA DE CONSAGRAÇÃO DA MULHER", publicação que oferece muitos subsídios para uma compreensão maior daquilo em que consiste a Consagração à Igreja Particular.

Informações poderão ser obtidas na CURIA METROPOLITANA (Avenida Higienópolis 890), com Ana Maria, às terças e quintas-feiras, das 14 às 17 horas e aos sábados das 9 às 12 horas.

Jornal: *Estado de São Paulo*
Data: *16/11/75*
Pag.

Folha n.º
N.º do recorte

SAUDAÇÃO À MULHER PAULISTA

A Mulher Paulista que com dedicado patriotismo nunca faltou na construção deste São Paulo grandioso, dedicamos esta saudação que é mais uma reflexão cristã em torno da sua presença na nossa história futura.

O problema da mulher, seu lugar, sua promoção na sociedade ou na Igreja é questão que sempre existiu e continuará a existir.

Para os povos mais adiantados a consideração da importância do papel que a mulher desempenha em todos os setores da atividade humana toma vulto sempre maior, razão pela qual a ONU — Organização das Nações Unidas — proclamou 1975 o Ano Internacional da Mulher.

Esta proclamação vem em seguida ao Ano da Família promovido pela Igreja, e acreditamos que tudo isto tem por finalidade — bem programada — chamar a atenção de todas as mulheres para o significado de sua presença neste mundo.

Numa data festiva do aniversário da cidade de São Paulo não poderíamos enfatizar o assunto de outra maneira, senão lembrando que a comemoração da Mulher em âmbito mundial pela ONU tem um significado amplo, transcendente a ser levado em consideração por todos quantos se prezam como seres humanos, tanto mulheres como homens.

Quem prestou atenção nas comemorações do Ano da Família — 1974 — certamente pode verificar que dentro da organização familiar cabe à mulher o desempenho das mais nobres tarefas, que se ela não souber ou não quiser cumpri-las a família perece. E quando a família perece toda a estrutura social, a própria nação entra em agonia. Quando a mulher não está convicta da santidade da família e da necessidade da indissolubilidade do vínculo matrimonial para garantir a criação e educação dos filhos, a estabilidade do lar está em perigo por mais perfeita que seja a formação do marido. A família não pode ser considerada bem organizada sem a mútua colaboração masculina e feminina.

E assim como o toque feminino não pode faltar na orientação da família como colaboração específica para a felicidade de todos, assim também ocorre em qualquer organização social, estatal e mesmo eclesial. A mulher precisa e deve atuar em todos os setores da atividade humana para que haja equilíbrio no mundo.

Assim se entende hoje nos países civilizados, e a ONU querendo firmar este conceito, promove o Ano Internacional da Mulher.

Pode a promoção da mulher ser considerada um sinal dos tempos?

Acreditamos que sim. É uma conquista que vem sendo feita, mas é preciso saber como deve ser feita.

A forma essencial da alienação feminina em outros tempos era a redução da mulher à função maternal. Não se trata hoje de menosprezar no que quer que seja a maternidade; nem mesmo reduzi-la a uma pura função biológica, de tipo animal. Trazer uma criança ao mundo, criá-la e educá-la será sempre um dos atos mais grandiosos da humanidade, ato no qual a colaboração de Deus é a mais elevada, o que para a mulher constituirá sempre uma glória. Mas não podemos limitar as funções femininas a gerar, educar filhos, enfim a uma limitação no interior do lar. O mesmo podemos dizer em relação às virgens consagradas, chamadas a uma vocação religiosa, que estavam fadadas a uma vida limitada ao âmbito dos clustros e dos conventos, enquanto as grandes ordens religiosas masculinas exerciam papel importante na civilização.

A promoção da mulher deve pretender principalmente, obter o reconhecimento da mulher como pessoa, com todos os seus direitos, o que não significa nivelamento com o homem, nem uma cópia do sexo masculino. Outra coisa muito importante é que a integração progressiva da mulher na sociedade não se realize numa como que procura de funções que lhe sejam reservadas, para separar a mulher em "compartimentos" sociais tipicamente femininos. A mulher com a sua presença em qualquer setor dará contribuição valiosíssima fazendo emergir valores novos e colaborando deveras com os homens no desenvolvimento da comunidade, dando a complementação necessária à mentalidade e aos trabalhos masculinos.

Mesmo na Igreja, hoje, a mulher é chamada a desempenhar funções de responsabilidade. Pio XII já em um discurso a um grupo de mulheres no ano de 1945 afirmava: "A mulher deve concorrer com o homem para o bem da cidade, no seio da qual é, quanto à dignidade, igual a ele. Os dois têm o direito e o dever de cooperar para o bem total da sociedade". João XXIII reconheceu na sua "Pacem in terris" a promoção da mulher como um dos sinais dos tempos. Paulo VI tem nomeado mulheres para comissões pontificias de grande importância para a orientação de trabalhos específicos em âmbito mundial.

Eis aí o campo aberto para a mulher que, demonstrando as mesmas qualidades como mãe de família ou como religiosas consagradas no ambiente dos claustros, será a melhor reserva para a frutificação de um mundo melhor, mais humano e mais cristão, quando empregar estas qualidades em colaboração com o homem para fazer realizar melhor os planos de Deus.

Neste dia de São Paulo Apóstolo, que tão bem soube valorizar o trabalho de suas colaboradoras femininas, saudamos a mulher paulista, congratulando-nos com a ONU pela inspiração de proclamar 1975 o Ano Internacional da Mulher.

Que cada uma de nós, mulheres de São Paulo e do Brasil, saiba aproveitar a ocasião para não deixar passar o ano de 1975 sem ter feito algo pela promoção feminina no sentido do bem coletivo e sobretudo pela melhor execução do plano de Deus. Isto é libertação, isto é saber aproveitar o significado de nossa presença neste mundo.

Aquelas que confundem liberdade com libertinagem é necessário que lhes demonstrem que o valor de uma sociedade está na atuação reta, firme, de cada mulher e que nisto está também o caminho de uma felicidade duradoura para toda a comunidade.

Que o Ano da Mulher seja um tempo de banir as ilusões e que o elemento feminino se beneficie realmente desta oportunidade que a ONU nos está dando para pensarmos mais profundamente em um assunto tão importante para o mundo: Mulher.

MARIA LUCIA

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: C. SPANCO

Data: 26/01/75

Pág. -

Pasta n.º

N.º do recorte

A MULHER CONSAGRADA

(SP. 26/01/75)

Realizar, até a plenitude, todas as dimensões do ser feminino deve ser a o anseio e o projeto de vida de toda mulher consciente de seu próprio valor e de sua missão no mundo.

Um dos caminhos para atingir esta plenitude é a CONSAGRAÇÃO RELIGIOSA. Muito se tem acentuado o aspecto de renúncia em se tratando da Vida Religiosa. Daí o julgamento errôneo de alguns a respeito desta escolha de vida,

dando-lhe um matiz de limitação, de empobrecimento, de empecilho à realização feminina.

Vida Consagrada ou Consagração Religiosa, muito pelo contrário, significa abertura, crescimento, multiplicação de possibilidades até o Infinito.

Pela consagração a mulher, mais do que nunca, torna-se acolhimento, receptividade. Dizendo SIM a Deus, num total abandono de seu ser à ação divina,

ela assume o compromisso de carregar em si a inquietude de uma humanidade, de todo um universo que "geme e sofre como em dores do parto" na imensa tensão entre o nada e a vida. Ela assume o compromisso de amar e de se devotar não apenas a um ser humano, não somente a uma família, mas a todas as famílias, à grande família humana. Sua capacidade de amar, sustentada pela ação divina, multiplica-se sem divisões, por todos quantos dela se aproximam e necessitem. Sua intuição, sua sensibilidade enriquecidas pela escuta de Deus devem torná-la sempre mais apta a compreender e a prevenir as necessidades humanas, a criar a beleza e a vida em torno de si.

Não se compreende, portanto, Vida Consagrada sem serviço, sem alegria, sem utilização de todos os dons humanos e recursos divinos, que possam ser úteis ao serviço dos homens e à recriação do mundo.

Tudo isto constitui a meta, o ideal. A Consagração Religiosa não surge no momento em que uma mulher pronuncia seus Votos. É uma conquista de todos os minutos, de todos os dias. É conquista que supõe luta, alternativas de êxitos e de fracassos, tal como tudo quanto se contrói de sólido e de verdadeiro no mundo.

Aos Futuros Administradores de S. Paulo

As causas, os responsáveis, os culpados
dos males da periferia

Carta n.º 4 dos moradores da Periferia

As três cartas que enviamos aos futuros responsáveis da cidade, focalizavam alguns dos problemas mais prementes da população da periferia, reivindicando o direito de participação e de decisão no que diz respeito aos interesses coletivos e à distribuição dos serviços públicos.

A reação de muitos, que comentaram conosco o ponto de vista dos moradores da periferia, foi de minimizar a gravidade dos problemas, justificar ou empurrar para outros a culpa dos desequilíbrios, das injustiças e da ausência de providências adequadas.

Antes de continuarmos na exposição dos problemas que nos afligem, achamos oportuno definir a nossa opinião sobre as CAUSAS, os RESPONSÁVEIS e os verdadeiros CULPADOS desta situação, para que se torne mais fácil a busca de SOLUÇÕES DEFINITIVAS.

1. AS CAUSAS

Os males, que nós apontamos, são bem mais profundos do que a simples ineficiência dos serviços públicos básicos.

Uma cidade que permite um DESEQUILÍBRIO CRESCENTE no atendimento à problemática social e às necessidades básicas da coletividade, está criando em si processos perigosos de instabilidade social.

A análise destes processos e a procura das verdadeiras CAUSAS que produziram esta situação catófica e que aumenta as injustiças e o mal estar do povo de São Paulo, nos levaria a definir melhor as RESPONSABILIDADES.

Entre as CAUSAS, das múltiplas carências e desequilíbrios podemos lembrar:

— a falta, em nível político e administrativo, de uma séria e orgânica política de saneamento, e prevenção e assistência social;

— uma carência de métodos racionais e equilibrados de programação e execução. Não se consegue tudo na hora. Precisa-se ter a coragem da impopularidade;

— os favoritismos e o clientelismo, na busca de sucessos interesses pessoais, com prejuízo dos interesses públicos, constituindo-se centros de poder feudal;

— o medo e a impreparação para um leal confronto político na base da realidade social, apelando para medidas emocionais e demagógicas;

— a prioridade dada aos interesses de grupos e de categorias, sem uma visão orgânica das necessidades da cidade e do bem comum da sociedade;

— a inércia e a passividade da população da cidade, que tem uma estrutura e uma mentalidade que não favorece a participação e a assunção de responsabilidades;

— a falta de consciência, nos indivíduos, do próprio dever e da função social dos serviços profissionais;

— as interferências entre vários órgãos, pessoas ou instituições, que tornam mais difícil e inadequadas as iniciativas e as intervenções necessárias.

2. OS RESPONSÁVEIS

As RESPONSABILIDADES envolvem TODOS NÓS: indivíduos e grupos, categorias, instituições e comunidades.

Lembrando algumas das causas, indiretamente denunciaremos a responsabilidade dos políticos e dos administradores, dos dirigentes e da população, das comunidades, dos religio-

sos e dos leigos.

NÃO ADIANTA, porém, ficar num plano de simples denúncia dos males e de condenação estéril da atual situação de deficiência ou total ausência dos serviços públicos básicos.

Está na hora de deixar de lado o infantilismo social e a instrumentalização política e econômica da realidade humana de milhões de paulistanos. A demagogia, o populismo e a atitude de vítimas afastam-nos de nossas responsabilidades.

TODOS: partidos, sindicatos governantes, industriais, comerciantes, categorias e classes sociais, deveriam fazer um exame crítico do próprio comportamento e assumir com coragem sua parcela de responsabilidade.

3. OS VERDADEIROS CULPADOS

O homem de boa vontade, na tentativa de dar uma resposta aos anseios e aos desafios do povo da periferia, chegará a descobrir a sua parte de culpa.

Na nossa opinião, as graves deficiências existentes nos serviços públicos básicos e na justiça social dependem das ESTRUTURAS e do comportamento dos GRUPOS SOCIAIS que vivem e operam na cidade e que condicionam a realidade concreta e a intervenção públicas.

O descuido e a mesma falta de sensibilidade e de atenção que as forças políticas, administrativas e sociais organizadas reservam para tão profundas

deficiências, são mais um EFEITO do que uma causa.

Não entendemos a profunda contradição contida no fato de que a maioria dos indivíduos e dos grupos com esse poder de decisão e de condicionamento, portanto causa dos profundos desequilíbrios e injustiças da cidade, seja constituída de homens de bem, a serviço ou representantes do povo, de cristãos ou até de católicos declarados, quando não de militantes em movimentos que se dizem engajados.

4. SOLUÇÕES QUE NÃO RESOLVEM

A resposta adequada aos problemas da cidade na periferia, acreditamos, não pode ser uma solução paleativa de planos não executados, de projetos avulsos ou de pequenas iniciativas promocionais, mas um esforço conjunto de todos os responsáveis, envolvendo os setores privados e públicos da cidade.

Os problemas são COMUNITARIOS, administrativos e políticos. Não serão resolvidos com atuações individuais ou de grupos e entidades particulares ou com projetos inadequados, nem com os simples recursos do poder públicos.

Exige atitudes e decisões coletivas, comunitárias e Políticas. Desculpem-se conseguimos perturbar o sorriso e a tranquilidade daqueles que têm a responsabilidade e os recursos públicos e privados na mão. Era a nossa intenção.

UBALDO STERI
"Operação Periferia"

Criança



Irmã Lucia, uma vida dedicada ao amor e à compreensão.



Felizes, eles se sentam no chão para esperar o lanche da tarde.

Como São Vicente ensinou a amar

Quem chega à Creche Catarina Labouré, no Ipiranga, não pode deixar de sorrir, diante da alegria e bem estar das 300 crianças que vivem lá. A creche, que na verdade se chama Dispensário Medalha Milagrosa e Creche Catarina Labouré, foi fundada em 1931, dirigida pelas irmãs de caridade da Associação de São Vicente de Paulo.

Apesar de lutar com dificuldades para a manutenção das crianças e dos 80 funcionários, irmã Lucia, a encarregada do setor assistencial, é a primeira a mostrar otimismo: "Criar essas crianças é maravilhoso. Vamos acompanhando o seu desenvolvimento e é isso que nos dá forças para continuar na nossa luta diária".

A creche dispensa às crianças — desde recém-nascidos até 12 anos — toda a assistência moral, religiosa, médico-dentária, sem distinção de raça, sexo ou religião. Seguindo a tradição da Associação de São Vicente de Paula, as irmãs de caridade em todos os cantos do mundo seguem as diretrizes do seu santo fundador, que, no seu plano de ação evangélica, abriu escolas, creches, patronatos e outras entidades para atender à criança desamparada.

Vivendo sobretudo da caridade pública e de um convênio com a Fundação Pró-Menor, que dispensa a cada criança da creche cerca de Cr\$ 120,00 por mês, a Creche Catarina Labouré de tempo em tempo organiza festas e chás beneficentes para angariar fundos para melhorar as suas dependências.

"Tudo o que vocês vêem aqui, foi doado — diz irmã Lucia, abrindo os braços no grande dormitório dos meninos. Os brinquedos, as roupas, as camas, os lençóis foram chegando pouco a pouco até conseguirmos tudo de que precisávamos. Agora, por exemplo, com o início das aulas, pedimos a várias pessoas que nos fornecessem material e pastas escolares que já estão sendo usadas".

Na creche, as crianças fazem até o pré-primário (maternal, jardim e pré), para depois estudarem fora, em colégios estaduais da redondeza. "Temos a preocupação de preparar moralmente e mesmo vestir bem as crianças para irem à escola, continua a irmã, para que não se sintam desprezadas pelos colegas. Sabe como é, por mais que nós lhe dermos amor, carinho e proteção, essas crianças têm um começo de vida diferente das demais, pela própria natureza. Muitas são orfãs, outras foram abandonadas e sabem disso, outras ainda têm família sem condições para criá-las. Daí a nossa preocupação em saber educá-las".

Irmã Lucia apesar do seu sorriso constante é incansável. Além dos problemas diários com as crianças — roupas, alimentação, escola, situação familiar — é ela quem mais se preocupa com o destino de cada criança. Depois dos 12 anos elas são encaminhadas pela Fundação Pró-Menor para outras entidades. Muitas voltam para a família, se esta tiver condições de mantê-las. "Tudo aqui — diz irmã Lucia — se sente seguro, num ambiente familiar e amigável. Daí a minha preocupação em saber como está cada uma depois que nos deixa".

IRMÃ LUCIA

Nos meios sociais e assistenciais irmã Lucia é conhecida. E que há 26 anos é encarregada do setor social da creche e não se cansa de procurar e pedir a industriais auxílio para sua obra. De família tradicional de Minas Gerais, Lucia Pena, como era chamada na vida secular, abandonou todo o conforto em que vivia, para seguir um caminho de abnegação, resignação e amor, muito amor.

Antes de se tornar irmã Lucia, a jovem mineira estudou no Estado do Rio e em Niterói, foi funcionária pública da Saúde Pública. "No entanto, apesar de ir bem na minha profissão, eu sempre apreciei os trabalhos dos missionários", diz ela. Desse interesse, nasceu a vontade de pertencer à vida religiosa e em 1940, Lucia Pena entrou para a Congregação das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo. Depois de lecionar por alguns anos, foi enfim, chamada para as Missões às margens do rio Tocantins, onde, por 5 anos, viveu em contato com os caboclos da cidade de Cametá, no Pará.

"Só deixei as Missões quando fiquei doente e depois de me restabelecer, vim para a creche, onde estou há 26 anos. São, sem dúvida alguma, trabalhos bem diferentes. Lá a vida era dura mesmo, tínhamos uma alimentação precária, e nenhum conforto, mas o que era isso, se estávamos ali para melhorar o sofrimento daquela gente que tanto precisava de nós?"

Irmã Lucia não tem mais tempo para falar de si, aliás, ela pouco fala da sua vida. Gosta de falar das crianças da creche e dedica o mesmo amor por elas, como aos caboclos de Cametá. O melhor de tudo é que todos sentem isso, basta ver o carinho que ela recebe todos os dias das 300 crianças que, felizmente, não estão mais desamparadas.



Irmã Davina cuida de 42 meninas, de 8 a 10 anos, que todos os dias deixam a creche por umas horas: vão estudar.



Essas crianças sentem e retribuem todo o amor que

MARIO ALTENFELDER FALA DE SEUS PLANOS SOBRE O PROBLEMA DO MENOR



“Há necessidade — prosseguiu — de um trabalho conjunto de educação: educação da polícia, educação da sociedade, educação do nosso pessoal, infelizmente ainda não muito preparado para uma função dessa natureza. Mantendo-se em atitude de primarismo lamentável, ao achar que se enfrenta problema de tamanha profundidade prendendo uma criança, mandando bater, violentando sexualmente, matando nos próprios estabelecimentos do governo. Isto é inominável e não se pode mais aceitar tal situação”.

PROBLEMA SOCIAL

O problema do menor é eminentemente social, na opinião do sr. Mario Altenfelder. Frequentemente, esses menores nada mais são do que vítimas, em lugar de agentes do crime ou de condutas anti-sociais. Sem nenhum amparo, acabam marginalizados e passam à agressão, como defesa. Pesquisa realizada entre cerca de 8.200 presidiários, no Rio de Janeiro, nos últimos 10 anos, mostrou que apenas 4% haviam frequentado escolas. Entende que o menor a quem se dá amparo não irá delinquir, a não ser que se trate de um psicopata. Nesse caso, deve ser entregue mais a um psiquiatra do que propriamente à polícia. No Rio, presídios foram transformados em escolas bem instaladas e equipadas. Não se fala em prisão, não há homens armados, nem violência, todos são funcionários civis. A transformação é evidente: passou-se da fase da agressão para a da educação. “Eu sou — disse um fervoroso adepto desse sistema, porque a experiência nos ensina que esses processos são realmente válidos”.

— “Talvez em três anos São Paulo não assista mais a esses lamentáveis episódios que nós estamos hoje enfrentando com tanta frequência, especialmente no centro da cidade, em qualquer momento, em qualquer hora, quando sempre os mesmos menores praticam os mesmos atos e nada acontece” — afirmou o sr. Mario Altenfelder, futuro secretário da Promoção Social.

EXEMPLO

“A FUNABEM órgão nacional que serviu de modelo para esta mudança no Brasil — adiantou — está sendo copiada hoje pelos países latino-americanos. Nós administramos esse organismo à maneira de uma empresa, não com a forma rígida do serviço público. Posso afirmar que na FUNABEM o índice de reeducação dos menores com graves problemas de conduta atinge 82%”.

Quanto aos planos do governo Paulo Egydio, na área da Promoção Social, o sr. Mario Altenfelder antecipou o seu propósito de expô-los com maior amplitude, na Associação Comercial de São Paulo, tão logo esteja no exercício do cargo. Adiantou, no entanto, que cuidados especiais estarão voltados para os infratores, as menores com problemas graves de conduta, os migrantes, que são mais de 700 mil circulando em São Paulo anualmente, sem moradia, sem trabalho, sem preparo, a criar cinturões de miséria que cercam todas as grandes cidades do Estado e que não têm, no momento, nenhum equacionamento.

A CRIMINALIDADE

Para mostrar que o problema do menor delinquente não está vinculado simplesmente à miséria e ao analfabetismo, o futuro secretário da Promoção Social mencionou o caso de Londres, onde 67% dos casos dos crimes de furto e roubo são praticados por jovens de menos de 18 anos, de Los Angeles, Nova York, Filadélfia e outras grandes cidades dos Estados Unidos, Alemanha, Itália e Japão, onde há centenas de quadrilhas de menores, com milhares

de associados. Em alguns países, em que não existem sequer analfabetos, o problema da delinquência juvenil assume aspecto impressionante. Dessa forma, entende que o analfabetismo

não é o criador da criminalidade. Mesmo no Brasil, começamos a sentir que graves ataques ao patrimônio e a pessoa já não são praticados apenas por ladrões vulgares, mas planejados por quem tem cursos, alguns até universitários. Um crime bem planejado não é executado por qualquer delinquente.

“O que está faltando muito — aduziu — é um sentido de espiritualidade, mesmo que não seja de um credo religioso, mas que considere o homem uma criatura diferente. É isto que não pretendemos fazer, imprimir este aspecto em nossa atividade. Naturalmente, a repressão é necessária, mas principalmente de prevenção e o uso de técnicas científicas para enfrentar problemas tão profundos e complexos”.

DESIDRATAÇÃO INFANTIL, MAL INEVITÁVEL

A desidratação infantil afeta grande número de crianças em São Paulo, causando a morte de muitas delas. No entanto, a maioria dos casos de desidratação e mortes, que dela decorrem, poderiam ser evitados se os pais soubessem o que é a desidratação, como preveni-la ou, então, como combatê-la quando se manifesta.

A incidência da moléstia ocorre com maior intensidade no verão, sobretudo nos dias de calor intenso. Nesse tempo devem ser tomadas medidas preventivas especiais, geralmente simples, mas de muita eficiência. O calor, todavia, não é o único fator de desidratação. Geralmente associa-se à baixa idade da criança, à desnutrição, ingestão de alimentos estragados ou contaminados, além de más condições gerais de saúde, como falta de higiene, de água tratada e de esgoto.

A febre, o calor e a excessiva exposição ao sol provocam perda de água e ativam a reprodução de bactérias no organismo humano em geral e da criança em particular, desencadeando o processo de desidratação que se manifesta através de diarreias e vômitos.

A desidratação manifesta-se repentinamente. Seus sintomas são: febre alta, pele seca, olhos fundos e, mais especificamente, vômitos e diarreias.

O tratamento requer urgência para que o mal não se agrave e se torne irreparável. Deve-se suspender imediatamente a alimentação da criança e ministrá-lhe água fervida e clorada em abundância e consultar o médico. Se os vômitos e diarreias não pararem deve-se procurar logo o Pronto Socorro, onde serão tomadas as medidas cabíveis.

PARA PREVENIR A DESIDRATAÇÃO RECOMENDA-SE:

- Dar às crianças alimentação limpa, sadia e abundante;
- As crianças de peito sejam alimentadas com leite materno;
- Dar às crianças água fervida ou tratada em abundância;
- Vestir as crianças com roupas leves;
- Evitar que apanhem muito sol.

DEVE-SE AINDA EVITAR:

- Que o lixo fique exposto e parado em casa;
- A presença de moscas;
- Que os alimentos fiquem expostos;
- Água parada e esgoto aberto;
- Que as crianças não comam alimentos que caíam no chão.

Com estas precauções e tratamento imediato em caso de sintomas de desidratação, a desidratação poderá ser reduzida em mais de cinquenta por cento e os casos de morte levados a zero ou quase.

Compete a quantos tem contacto com o público, tanto nos postos de saúde, quanto nos colégios e paróquias ou em qualquer outra parte, advertir os pais sobre os riscos da desidratação, como preveni-la e a quem recorrer em caso de necessidade.

Nota: os srs. Vigários podem aproveitar estas recomendações divulgando-as o mais possível entre o povo.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE MINAS*Data: *16/03/75*Pág. *64*

Pasta n.º

N.º do recorte

F. Feminina
Coragem para assumir
16/3/75
as novas posições
p 64

Nas eleições de 15 de novembro passado, Ana Maria Rossi de Almeida foi uma das três mulheres que disputaram, pela ARENA, uma cadeira na Assembleia Legislativa em São Paulo. Não conseguiu alcançar seu objetivo, pois faltaram-lhe somente 2.600 votos para isso. Mas encarou com bastante naturalidade e até mesmo recebeu com orgulho o resultado, pois pleiteando pela primeira vez em sua vida um cargo político, das 19.600 votos totalizados em sua cidade Osasco, conseguiu obter 13.000 votos, sendo a única candidata a obter esta votação em apenas uma cidade.

Em Osasco está perfeitamente reintegrada na administração de seu irmão, o prefeito Francisco Rossi de Almeida, e pronta para recomeçar a luta política.

Ana Maria luta para que a mulher consiga firmar-se no campo político onde tão poucas conseguem lograr êxito. Um de seus maiores sonhos é ver a mulher brasileira "saber ser livre com dignidade, usar sua independência sem ser leviana". Há muitos tabus para serem derrubados e isso dependerá apenas da coragem da mulher brasileira para assumir novas posições". Ana Maria teve que tomar decisões corajosas em sua vida mesmo que às vezes para isso tivesse que chocar certas pessoas".

"Sempre tive um amor constante em minha vida: as crianças. O ano passado consegui ver concretizado um dos meus sonhos, a criação do Centro de Integração do Menor, onde no momento estão atendendo 100 crianças com orientação extensiva aos familiares. Seria muito bom se em outras cidades, os prefeitos criassem também seus Centros, visando principalmente o menor abandonado, carente de muito amor, compreensão e orientação".

Fora a política, que absorve grande parte de seu tempo, Ana Maria, na parte da manhã, cursa o 1o. Ano da Faculdade de Letras. Encontra tempo para a prática de esportes, principalmente a natação ("educação precisa ser integral"), adora cozinhar ("lugar de mulher também é na cozinha"), gosta de dançar, de praia e tocar violão. Solteira, sem compromisso, à procura do homem ideal que para ela tem que ter principalmente uma virtude: fidelidade". Atualmente é a sétima suplente da ARENA com "muita esperança de poder vir a assumir e ter uma oportunidade de poder provar o que a mulher pode fazer no campo da política".



Assistentes, no Congresso da Mulher Paulista

A Mulher e a Política

ALMINO AFFONSO

Realizou-se nesta capital, há duas semanas, o 1.º Congresso da Mulher Paulista. Eis aí um fato da maior importância, sobretudo se o projetamos no processo de democratização da sociedade. Pois é hora de ir aclarando que a reconquista das instituições democráticas, em aberta oposição ao regime autoritário, não esgota nossas aspirações. O grande objetivo democrático é a instauração de relações sociais igualitárias, a todos os níveis. Isto demanda, obviamente, mecanismos jurídicos adequados; mas, em particular, implica numa mudança efetiva de comportamento social, sem as discriminações que ainda hoje existem entre nós, por mais que, embaraçados, as neguemos. Nesse contexto, é tempo de termos a coragem de reconhecer que a mulher brasileira continua sendo uma cidadã de segunda classe... Acaso essa realidade é ao menos notada por todos? Será que nos apercebemos de que a mulher (na família, no emprego, na política etc.) é onerada, é preterida, é vexada, é anulada?

A emancipação feminina assume, em cada país, características particulares. No caso brasileiro, ela arranca das reivindicações mais elementares, desde o acesso ao emprego à igualdade salarial em relação ao homem. Talvez, por isto mesmo, não faltem os que, assumindo uma pretensão posicional de esquerda, considerem o feminismo uma falsa questão. É evidente que a exploração

social da mulher está condicionada, em grande medida, pela estrutura da sociedade; mas me parece claro que a sua especificidade reclama uma abordagem mais abrangente, que tome em conta os padrões culturais no relacionamento homem-mulher, consolidados ao longo dos tempos, e que encarnam a suposta superioridade masculina. As mulheres constituem a metade da população brasileira. Como pretender uma transformação profunda do País sem que elas sejam agentes desse processo? E como lograr que se engajem nessa tarefa histórica se persistirem as várias formas de opressão, que marginalizam ou tornam passivas as grandes maiorias femininas?

Não se imagine que o 1.º Congresso da Mulher Paulista foi cenário de um debate elitista: lá se congregavam, em torno das mesmas inquietações, profissionais, artistas, operárias, donas de casa dos bairros periféricos. Cerca de 500 mulheres, divididas em grupos, discutiram um extenso temário: a desigualdade salarial, entre o homem e a mulher, não obstante realizarem o mesmo trabalho; a repressão contra o aborto; a instalação de creches em todos os bairros; os encargos do trabalho doméstico; a desvalorização das profissões consideradas femininas; a estabilidade da mulher gestante no emprego; a sexualidade feminina. O debate estendeu-se a temas próprios dos trabalhadores em geral, como o direito de greve; e a temas políticos, como a redemocratização do País, a resis-

tência dos povos latino-americanos contra as ditaduras militares, a solidariedade ao povo vietnamita e ao da Nicarágua. E, como se fosse um mergulho no mundo do símbolo, não faltou uma palavra de apoio caloroso à luta da mulher no Irã, que se rebela contra o véu que lhe é imposto...

Em meados do ano passado, também haviam sido realizados congressos de mulheres, embora restritos à problemática social. Refiro-me ao 1.º Encontro da Mulher Metalúrgica, que congregou mais de 800 mulheres que trabalham em 47 indústrias da região de São Bernardo e Diadema; e ao 1.º Congresso da Trabalhadora nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo, que contou com a presença de 400 mulheres. Há algo de novo, portanto, germinando. A mulher vai tomando consciência da discriminação social

que pesa sobre ela, em vários níveis, e assume a defesa de seus direitos. Pode haver algo mais alvarelho? Dos três congressos referidos destaco uma constância: a denúncia de que as mulheres, cumprindo a mesma função e com igual desempenho que os homens, percebem salário inferior... No caso das metalúrgicas, a diferença é de 60%! Ora, é sabido que, em termos legais, esse problema está superado há muito tempo: sendo idêntica a função, a trabalho de igual valor corresponderá igual salário, sem distinção de sexo. Portanto, pode-se dizer que tudo se resume à clássica exploração social. Mas por que, nesse âmbito, a superexploração se dá justamente contra a mulher?

Segundo dados da Secretaria de Economia e Planejamento do Estado, a quantidade de mulheres que tiram Carteira de Trabalho é, desde 1974, superior à de homens. No primeiro semestre de 1978, chegou a ser três vezes maior. Contudo, ainda é pequena a presença da mulher trabalhadora. O censo indica que, em 1970, somente 19% das mulheres faziam parte da população economicamente ativa. E, como demonstrou a professora Heleieth Saffiotti, no simpósio "Papéis Sociais da Mulher" (30.ª Reunião Anual da SBPC), a integração da mulher no mercado de trabalho, ao longo de um século, tem sido em grande parte como empregada doméstica: 33% em 1872; entre 27% a 32% nos dias de hoje... Por outro lado, as que não mantêm uma relação de emprego cum-

maioria, uma função similar (cozinhando, lavando, varrendo) no apertado mundo de uma dona-de-casa. Um trabalho que não tem duração de jornada, nem horário definido, nem repouso aos domingos, nem direito a férias... Como pedir, a essa imensa parcela da população, uma participação real nos debates políticos do País?

A liberação feminina (em toda a sua complexidade, da igualdade de direitos civis e trabalhistas à problemática sexual) diz respeito ao conjunto da sociedade. Mas é auspicioso ver as mulheres assumindo a sua própria bandeira de luta. Multiplicam-se as entidades que, embora de formas diferentes, põem na ordem do dia o feminismo. Sucedem-se os congressos. A bibliografia relativa ao tema (no campo jurídico, sociológico e político) vai-se enriquecendo. Jornais como "Nós Mulheres" e "Brasil Mulher", pela seriedade e garra com que discutem a questão feminina, dão-nos a ideia do amplo movimento, nascente e fracionário, que começa a ramificar-se em vários Estados. E tudo isto busca, a partir do 1.º Congresso da Mulher Paulista, unificar-se na constituição da Frente das Mulheres... Como, no entanto, conseguir a participação igualitária da mulher, em todos os planos, sem a transformação da sociedade? As mulheres paulistas responderam a essa pergunta com enorme clareza: "Percebemos, mais uma vez, que os nossos problemas não se resolverão enquanto não mudar esta sociedade em que vivemos".

Não há como enganar-nos: é no plano da política que a questão feminina poderá ser equacionada e resolvida. Ou seja, a necessidade de um partido político, efetivamente aberto à militância autônoma da mulher, faz parte das exigências do processo de democratização da sociedade brasileira. Mas, como logrará-se à frente desse partido (tomando os dados da realidade atual) estariam homens, ao fim e ao cabo, machistas? Com a palavra as mulheres: pois somente elas, através de um movimento feminista vigoroso como o que está nascendo, poderão romper o impasse.

Almino Alvares Affonso é advogado, ex-deputado federal, ex-ministro do Trabalho e da Previdência Social, ex-professor da Universidade Católica do Chile e atual junto à Organização Internacional do Trabalho (organismo vinculado à ONU).

O SÃO PAULO

São Paulo, 22 a 28 de março de 1975



Amparo maternal um dos problemas da grande cidade

A reportagem de "O SÃO PAULO" foi até o Amparo Maternal e ali entrevistou a Ir. Anita, que, com serenidade, foi respondendo às perguntas que lhe iam sendo formuladas por nosso repórter. E a primeira foi esta:

1. O que se entende por Amparo Maternal?

Ir. Anita: — É uma sociedade civil de apostolado beneficente, cujas finalidades estão aqui, no seu estatuto. Tem por fim assistência integral à mãe necessitada de conformidade com as normas pontifícias e segundo os princípios da Igreja Católica Apostólica Romana, mediante os seguintes meios:

— deve prestar assistência obstétrica em maternidade hospitalar ou domiciliar à mulher necessitada e ao filho em qualquer fase do ciclo gravítico puerperal;

— cuidará em casa maternal de assistência social, prestando amparo legal à mãe desvali-

ção e respeito à pessoa humana, acompanhando o progresso da ciência e procurando ensinar a arte assistencial pelo exemplo.

2. Qual é a média das parturientes que passam pelo Amparo Maternal mensalmente?

R. — Temos uma média de internação diária de 80 pacientes, nem todas para a parte de obstetria, mas também para ginecologia. O atendimento mensal é, em média, de 1800 a 2000 pessoas, sobretudo nos fins de semana, quando isso aqui fica lotado.

3. Qual é a remuneração pela assistência prestada a essas pos-

De maneira que no fim do mês, restam 100 mil cruzeiros e temos que dar um jeito para cobrir o restante das despesas. É a divina Providência.

4. As pacientes pagam alguma coisa?

R. — Não. Ninguém paga. Só o Estado e a Prefeitura é que remuneram. Aqui é gratuito. Ninguém paga.

5. Quantos médicos trabalham no Amparo Maternal?

R. — Uns 40 médicos. O trabalho é feito por equipes de 24 horas, três por dia. Há também a contribuição das Esequias, por exemplo, da Escola Paulista de Enfermagem. A Univer-

ele está prestando, ele não comporta as pacientes. Nós mantemos, sobretudo em feriados, uma assistência precária demais. Ficam, às vezes, de duas a três mulheres numa cama só. Isso porque não tem condições. Ainda, o prédio não comporta o número de leitos que seria necessário. Temos que ampliar. Aqui também há a residência, isto é, a parte social para aquelas que estão abandonadas pela família, por serem mães solteiras. Nesta ala de residência, há duas em cada cama, e nós estamos hoje mesmo, com uma média de 80. Elas ficam até dar à luz. Uma vez que têm o filho, ficam ainda mais ou menos um mês até a colocação do filho e o arranjo de um emprego para si.

7. Ir. Anita, quer dizer que o problema da mãe solteira continua muito grave, aqui em São Paulo?

R. — É um problema muito sério e muito triste. E o pior ainda vem de Minas, do Para-

O problema dessas mulheres e vão caindo lheres é grande e grave, às insinuações deles e após terem dado à luz acontece o pior. Depois o filho. Elas precisam disso, elas não têm mais encontrar alguém que condições, porque a apadrinhe a criança pequena, elas não têm mais para o primeiro mês de creche. As famílias não querem saber de uma empregada com um filho. Essas moças sofrem materialmente e moralmente. Pois, uma vez que não conseguem emprego, encontram um companheiro e no outro estão aqui de volta com outro problema, com outro filho.

8. Segundo sua opinião, qual seria a solução para tão grave problema?

R. — A solução consistiria num amparo total, pelo menos quando elas estão com o primeiro filho. Se houvesse melhor amparo a essa mulher, ela não iria procurar outra condição de vida irregular. Ela se manteria. A maioria se encaminha para isso, por necessidade de subsistência. A maioria delas — explica Ir. Anita — vem para São Paulo à procura de melhoria de vida. Vem de Minas, do Para-

ANO EUCARÍSTICO

Nove certames eucarísticos precederam o que agora vai se realizar em Manaus. Todos eles constituíram oportunidade para que os participantes vissem intensamente a fé. "O Pão da Vida Eterna" congregou os fiéis nas principais cidades brasileiras, a saber:

1) — 1933 — Salvador-Bahia;

Foi o primeiro Congresso Eucarístico Nacional. Preparado e executado por Dom Augusto Alvaro da Silva que mais tarde seria o Cardeal-Prímaz do Brasil.

2) — 1936 — Belo Horizonte-Minas Gerais;

Graças ao zelo de Dom Antônio Cabral, Arcebispo Metropolitano realizou-se o segundo Congresso Nacional. Na ocasião planejou-se a construção de uma catedral de vastas proporções, cujo plano ainda não foi concretizado.

3) — 1939 — Recife-Per-nambuco;

Vários navios conduziram os peregrinos paulistas até Recife. O avião na época ainda era novidade. Muitos relembram ainda a cordialidade e atenção com que foram acolhidos pelos irmãos do Nordeste.

4) — 1942 — São Paulo;

Pode-se afirmar que o 4.º Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo foi precedido de uma evangelização. Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, Arcebispo de São Paulo, esmerou-se na preparação do certame. Nos colégios, nas paróquias, havia cursos, conferências, a fim de motivar e explicar o culto à Eucaristia. Os detalhes da Organização causaram entusiasmo aos participantes.

5) — 1948 — Porto Alegre;

Dom Vicente Scherer, recentemente empossado na Arquidiocese de Porto Alegre preparou e executou o Congresso, cujo maior destaque foi a atuação da Ação Católica. A ela se deveu em grande parte o êxito do congresso que em seu encerramento reuniu milhares de fiéis no Parque Farroupilha.

6) — 1953 — Belém do Pará;

Já as companhias aéreas cruzavam os céus do Brasil, facilitando a afluência de peregrinos à Amazônia. Dom Mario de Miranda Vilas Boas, Arcebispo de Belém entusiasmou os peregrinos com o fervor e entusiasmo de sua palavra. "A Amazônia desdobra o seu braço para a Pátria em seu seio apertado e o Brasil e o Pará nesse abraço oferece a Jesus sobre o altar". Era esse o estribilho que os participantes cantavam.

7) — 1960 — Curitiba;

O Congresso se realizou nos princípios de maio e o frio do sul que já se fazia sentir intenso não comprometeu a concorrida frequência às sessões. Dom Manuel Silveira D'Elboux, arcebispo de Curitiba acolheu a todos com a bondade que lhe era proverbial. O jornal "O São Paulo" publicou ampla reportagem sobre todos os atos do Congresso.

8) — 1970 — Brasília;

O décimo aniversário da fundação de Brasília incluiu em suas comemorações a celebração do Congresso Eucarístico Nacional, sob a orientação do Arcebispo Dom José Newton de Almeida Batista. O destaque maior foi a inauguração da Catedral de Brasília, hoje ponto de atração turística.

9) — 1975 — Manaus;

Todos aguardam o momento em que os cristãos reunidos na Amazônia disponham a "partir o pão da Vida Eterna".

**IX CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL
16 A 20 DE JULHO DE 1975
MANAUS**

Encontro de amor fraterno

O IX CONGRESSO EUCARÍSTICO DE AMOR FRATERNAL NACIONAL NÃO É, simplesmente uma aproximação física de cristãos, nem o encurtamento de distâncias geográficas. É antes de tudo acima de qualquer coisa, ENCONTRO DO AMOR FRATERNAL. De um amor vivo. De um amor nobre. De amor com raízes. De um amor construído com a gamassa da Fé.

Reunamo-nos todos, sacerdotes e leigos. Homens de todos os cantos e de todas as origens, para o ENCONTRO. REUNAMOS, que a Mesa Eucarística está posta. Reunam-nos em torno dela.

Essa é a mensagem Igreja. A Grande mensagem, a qual ninguém absolutamente ninguém pode fugir. Porque essa Mensagem transcende o Espírito de Deus; porque ela ressurge a Celebração do bem; porque é o poderoso adubo alimentar e permitirá crescer a verdadeira cristã. O nosso congresso tem um sentido de vocação. Para pensarmos: refi-

mos; conscientizar um de nós; chamar-nos à nossa essência espiritual; purar; conduzir-nos a um desenvolvimento bases mais justas, humanas, cristãs.

Em Emaús, Jesus foi conhecido quando, entre discípulos, repartiu o pão.

Na oportunidade do CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL procuremos transformar Manaus uma nova Emaús. E se temos a grandeza de Jesus, tentemos ao menos ser aqueles grãos de trigo capazes de, juntos, representarmos o Pão da Serenidade — o Pão da FERNIDADE, o PÃO DE FÉ, o pão da esperança. PÃO DA COMPREENSÃO, o PÃO DA CARIDADE, o PÃO DO AMOR AO PRÓXIMO.

Repito, irmãos todos: Igreja do Brasil: a Eucaristia está posta. Reunamo-nos em torno dela.

A MESA É DE TODOS. IRMÃO VEM SENTAR. YOMAR DESTERRO E SILVA

Cursilista de Manaus

EM PRIMEIRO LUGAR, A FAMÍLIA

Paulo Evaristo, CERDEAL ARNS

Meus Amigos,

Católicos, Cristãos, Homens que procuram a Deus e que seguem a sua consciência na busca da Verdade e do Bem:

Desde o início, o cristianismo lançou sua raiz na família, e dela recebeu a vida mais generosa. Mesmo se não lembrássemos hoje o fato de o Salvador ter a família, para iniciar a obra no mundo, seriamos forçados a reconhecer que os Apóstolos, desde os primeiros instantes, basearam suas atividades no seio da família e de pequenas comunidades, compostas de famílias. Ai se preparavam os homens, para receberem a vida nova pelo Batismo, aprendendo a tirar todas as consequências para a convivência humana.

Por hoje, nos contentamos com a rápida análise de três causas da atual crise:

1. A alegria e a dor fogem da família

É certamente assim que alimenta o grande amor que deve durar sempre: as alegrias são compartilhadas e as dores são assumidas em comum.

O desenvolvimento técnico do mundo afastou da família algumas alegrias e lhe compunham o mesmo tecido existencial. A criança, por exemplo, não na própria casa materna. A espera e o encontro com o novo irmão constituíam os grandes marcos da existência. Reuniam-se ainda irmãos e amigos, para fortalecer a expressão de amizade. O pai saía do trabalho, e a mãe, ao chegar, era rai-

nha. Por mais pobre que fosse o lar, nesta hora concentrava as atenções e a simpatia de todos.

Hoje, a criança nasce na maternidade. De lá se transmite apenas a notícia, filtrada aliás por tantas medidas de prudência! Os irmãos podem ver, à distância, aquele ou aquela que deverá participar de sua vida comunitária. O pai não toma mais a criança em seus braços, e a mãe recebe poucas visitas e mais perguntas sobre o estado de sua saúde. Falta a explosão da alegria e falta sobretudo a participação na crise e no bom êxito.

Ninguém lastima tais medidas de precaução e de defesa da vida. Elas são mesmo indispensáveis. Devem ser encorajadas a todo preço. No entanto, também devem encontrar seus substitutos. O nascimento de um homem é apontado pelo próprio Jesus como vitória sobre todas as dores e como anúncio que deve ser levado a vizinhos, amigos e até a indiferentes.

As doenças também não empenham mais a família, como em outros tempos. A gente se tratava em casa, e morria cercado de todas as atenções e dos olhares dos parentes e amigos. Apesar das misérias que daí provinham, o amor da família era um remédio insubstituível, e, quantas vezes também, remédio sumamente eficaz. A psicologia e as plantas caseiras, por vezes, curavam melhor do que as drogas da farmácia.

No entanto, nem essa situação podia manter-se. Precisamos do hospital, e, por vezes, corremos a ele cedo ou tarde demais. O

doente é isolado, e, se for pobre, nem mesmo pode ser visitado. Não compartilhamos a dor do pai, da mãe e dos irmãos. Contentamo-nos, ou somos obrigados a contentar-nos, com nossa imaginação. E as respostas se tornam, por isso mesmo, muito vagas: "Deve estar melhor". "As notícias foram de ontem à tarde". "O médico proibiu visitas". "A condução para o hospital é muito difícil".

A família perde, com isso, o húmus mais poderoso, que é o de compartilhar a dor e o de ser fiel até à morte, através das manifestações mais eficientes do carinho humano.

Vivemos mais do noticiário do que da simpatia, e até nos esquecemos que a palavra "simpatia" significa "sofrer junto", compartilhar tudo. Os nossos entes queridos sofrem do mesmo mal das comunicações sociais. Nivela-se tudo, até mesmo o amor que brota do sangue e dos laços comuns da existência.

2. A família e a mini-família

Quando a família era grande, reviviam-se constantemente as emoções, sobretudo as emoções religiosas.

A menina de 3-4 ou 5 anos, ou o rapaz que já se gloria das façanhas, preparavam-se para os batizados. Acompanhavam o irmãozinho na Primeira Eucaristia. Sonhavam com a Crisma e, por vezes, até abriam o cortejo para o casamento de um irmão ou irmã.

As cerimônias não ape-

nas se repetiam. Geravam clima de expectativa e se transformavam em fontes de comentários para semanas, meses e anos. Cada vez que se dava um acontecimento religioso na família, estreitavam-se os laços espirituais e reagendava-se a lareira, ou mesmo a fogueira da fé. Deus era lembrado com a mesma espontaneidade com que se desenvolvia a vida e a trama da existência.

Hoje, faltam os encontros com a Igreja. A mini-família, com um filho só, não pode mais nutrir-se de uma repetição que é, ao mesmo tempo, nova vida. Se tem sorte, participa das festas religiosas de um primo ou de um amigo. Mas sempre à distância. Sempre cercada dos vidros que a impedem de respirar o ar regenerador da natureza e da fé.

Só nos restam as pequenas comunidades, para ampliarem a família, estreitem os laços da fraternidade e fortaleçam a comunhão na existência e na fé. É necessário que estas pequenas comunidades acabem por criar uma espécie de família, a ponto de os homens se sentirem co-responsáveis pelos atos e pelas atitudes que fortalecem os laços familiares.

3. Presença e participação

Já não existe mais um pai que não seja superocupado, e poucas são as mães que conseguem dar uma presença contínua ao lar. Habitamo-nos até a entregar as crianças aos co-educadores, conhecidos sejam eles, ou desconhecidos. Consideramo-nos muito felizes, quando a professora se transforma em tia ou madrinha, e quando o ambiente da classe fortalece a verdadeira camaradagem.

A maioria dos co-educadores, no entanto, são desconhecidos, e por vezes até indesejáveis. A criança, desde os primeiros anos, aprende a sentar-se diante do vídeo. A televisão faz entrar em nossas casas professores e professoras a quem certamente não abríamos as portas, caso batêssemos, pedindo licença para entrar. Virando o botão de nosso aparelho, eles aparecem diante de nossos filhinhos com a magia e o encantamento das únicas imagens que as crianças vêem, por horas a fio. Contam histórias, fazem propagandas, transformam-se em mocinhos e arrancam aplausos.

Trazem, para dentro da família novos padrões de vida. Por vezes, idéias bem confusas, que os próprios pais não sabem analisar. As questões da fé aparecem banalizadas, quando ainda aparecem. Já não há vez para as histórias que a vovó ou a mãe contavam.

A Sagrada Escritura, que alimentava a fantasia e despertava os entusiasmos de gerações inteiras, não pode concorrer com as dramatizações dos estúdios. Pai e mãe, tão ricos em afeto e em desejo de comunicação, curvam-se diante da novidade. Deixam acontecer as coisas. Por vezes até colaboram por uma espécie de inércia ou preguiça. Eles próprios já não têm imaginação e carinho envolventes, para despertarem veladamente os grandes ideais.

Não há remédio para tanto?

Cremos que sim.

Seria, em primeiro lugar, a colaboração para que esses novos eventos da técnica partissem do amor e da compreensão da criança e do jovem, e mesmo do grande amor da família. Seria o esforço comunitário de levar os verdadeiros educadores a ampliarem o seu raio de ação, através dos meios sofisticados de que hoje dispomos. Seria um esforço comum, de todos os movimentos familiares e de todas as autoridades, para que a família brasileira educasse, de forma brasileira e não importada, as nossas crianças, os nossos adolescentes e as nossas famílias, um tanto perdidas e alienadas.

Em segundo lugar, impõe-se uma certa disciplina, necessária para a saúde dos olhos, da imaginação e do coração. Que reservassemos ao menos alguns momentos, ou, quem sabe, os melhores momentos da tarde e da noite, para nossos comentários e nossas conversas em torno de acontecimentos familiares e sociais. Que tivéssemos possibilidades de apreciar e criticar, de construir e desenvolver aquilo que é útil e fecundo para o nosso amor.

Que, afinal, não deixássemos fugir o elemento fundamental do amor, que é a comunicação e a presença ativa nas rodas familiares.

Não é de hoje o fato de a família se encontrar diante de novos desafios.

Toda a época teve os seus. No início, qualquer desafio causa impacto, paralisa as forças e convida para uma entrega fácil. Para a rendição, sem resistência. Depois, no entanto, acordam as forças vivas e despertam os ideais para uma luta sadia e esperançosa. Estamos exatamente neste ponto.

Convidáramos as nossas famílias mais engajadas a comunicarem as suas experiências diante dos novos desafios da TV, como igualmente diante de todos os desafios da vida moderna.

Meus Amigos:

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, atenta a todos os perigos que concorrem para a dissolução da família, encoraja-nos a uma atitude positiva diante da mesma família. A Igreja, a convite de Cristo, não só traduz a vivência cristã para os tempos novos, mas estimula-nos a preceder os tempos, a conquistar o futuro e a converter todas as coisas para o bem dos homens, depois de examiná-las.

Quando alguns profetizam o fim da família, nós anunciamos a nova era do amor, que une pais e filhos.

A fecundidade do amor é ilimitada, porque brota do Coração de Deus, se realiza de maneira insuperável no homem e na mulher, e garante uma comunhão que pode e deve durar para sempre.

É hora de pedirmos ao Espírito do amor, que acorde em nós as forças adormecidas em todos aqueles que ainda sabem rezar:

PAI NOSSO...

IGREJA, FAMÍLIA E MUNDO

"Em favor da família"

O documento da CNBB sob o título acima está sendo um grande êxito editorial. Só na Região de São Paulo já foram vendidos mais de 4.000 exemplares, preparando-se uma segunda tiragem.

Poderia ser criticado seu estilo. Muito condensado, utilizando-se de terminologia sociológica, política e religiosa elevada. Acontece que o documento se destina também ao esclarecimento de altas autoridades do país que têm a seu cargo decidir sobre as questões vitais da família entre nós. Inclusive os parlamentares.

Nesse sentido, o Cardeal Arns enviou o documento aos nossos parlamentares paulistas, com um cartão pessoal, chamando a atenção deles para as teses aí tratadas.

Mas acontece que não se dirige apenas a essas autoridades. Contém também algumas sugestões para a pastoral da família e aí deve merecer a atenção dos movimentos familiares e das autoridades religiosas por ela responsáveis. E quem não o é pela Pastoral da Família?

De fato, — os bispos apelam para que os movimentos familiares leigos se empenhem no esforço de sustentar a indissolubilidade do vínculo conjugal por meio de sua valorização e consolidação, sendo superadas ou neutralizadas as causas de desagregação familiar.

Entre estas arrolam logo de início a falta de preparação para o amor. As informações a respeito são em geral muito deformadas pelo hedonismo, materialismo ou superficialidade.

Cumprir ajudar a preparar uma eficiente educação para o amor nas famílias e nos movimentos de formação de jovens e adolescentes. Quanto aos cursos de preparação ao casamento os bispos notaram a necessidade de serem bem organizados para serem eficazes requerendo sua extensão aos programas de movimentos de jovens e aos currículos de estudos.

Medidas concretas de apoio às famílias, em especial nos primeiros tempos de casados, — são apontadas recomendando-se para isto as oportunidades de contatos. E aí o documento é bem concreto. Nas atividades catequéticas paroquiais devem ser efetuados de-

bates sérios sobre os problemas familiares. Em especial caberá ajudar a desenvolver o espírito crítico necessário à família para realizar a síntese dos mil e um elementos de pressão externa exercidos sobre elas.

Dois pontos enfatiza o documento no campo de formação: os contactos dos agentes de pastoral com os pais de família devem levá-los a compreender as funções efetivas e formadoras de pessoas não em forma ultrapassada, mas hoje em um mundo em transformação, bem diferente do de alguns anos atrás. Sem isso faremos um esforço tremendo para conservar uma família tradicional, fechada, já bem ultrapassada.

Consideraram os bispos que numerosas famílias desejariam transmitir aos seus filhos a fé em que foram criadas. Daí insistirem eles, que esses contactos com os pais devem levá-los a incutir nos filhos os compromissos éticos que essa fé supõe ou em belos termos, "que a fé supõe o compromisso com a justiça e o amor ao próximo, que se consubstanciam no serviço".

É desta forma que a ação pastoral da Igreja poderá atingir não só as famílias "cristãs" mas a todas, levando-se em conta suas carências, limitações e necessidades.

Nesse esforço da Igreja, os movimentos familiares leigos têm uma função bem importante. Cabe-lhes tomar essas diretrizes e levá-las à prática. Ao lado da formação religiosa com que alguns se preocupam, é preciso, notam os bispos, que motivem eles "a participação ativa das famílias num processo de maturação e crescimento com abertura crescente para a realidade social em que estão mergulhados" e isto através de ciclos de debates, cursos e encontros.

Poderá ajudar essa atividade uma vasta bibliografia existente assim como a grande experiência dos movimentos familiares. E para a questão do divórcio será muito útil o livro do Prof. Luiz José Mesquita, "Divórcio, a favor ou contra?" que as Edições LTr acabam de lançar. Tratando do assunto principalmente sob o ângulo jurídico não descarta da sua dimensão social merecendo relêvo os estudos sobre desquite e divórcio e sobre a solução brasileira que ora se estuda.

JOSE E LYA SOLLERO

"EM FAVOR DA FAMÍLIA"

Texto da entrevista do Cardeal Paulo Evaristo Arns para o semanário OPINIÃO.

O documento da Comissão Representativa da CNBB "Em favor da família" delib. no ponto 4, que a Igreja não permitiu "em especial, que a metatária da Pastoral da Família venha r-nos da permanente preocupação o ao respeito devido aos direitos humanos". Como a Igreja trabalha para reser a essa preocupação permanente? A dignidade do ser humano é a raiz de ireitos. A mensagem da dignidade nem e dos seus direitos fundamentais sível a todos, mas é no Evangelho encontramos a sua expressão mais pleis mais poderosos motivos para comter-nos na sua preservação e promoção (cf. Declaração dos Padres Sinodais ma, aos 23.10.1974). Em poucas pa-anunciar o Evangelho, missão funtal da Igreja, é levar o ser humano ar consciência da sua dignidade inal.

a defesa da "escola livre, do sindicadnomo, de auto-organização das forofissionais rurais, dos direitos da incia ao exercício da crítica social ou resão de minorias validamente conlas no contexto da vida social, a pretende contar com a colaboração os os cristãos? Quais as formas dispara que essa colaboração se efe? a CNBB admite a possibilidade de r as preocupações com outras entiou personalidades não diretamente das a ela?

Igreja está a serviço de todas as e de todas as entidades que se emi na promoção do ser humano e do mum. Principalmente depois de XIII, a Igreja conclama todas as de boa vontade, sem distinção de eligioso e político, a um esforço conpara a libertação total da pessoa hu. No momento atual brasileiro, nós s desejando e promovendo uma seinior e crescente participação do povo nacional.

Comissão Justiça e Paz parece ser instrumentos para essa tarefa? O acredita que ela tem funcionado a o? A própria Comissão não poderia liada, permitindo que leigos e perides do mundo civil se somassem forço conjunto?

nissão Justiça e Paz, em São Paulo, senvolvendo um trabalho sério em o dos presos e de suas famílias. Esdenciando, com assessoria de perilevantamento das principais situaustas desta Arquidiocese, a fim de as suas atividades de modo mais o. A Comissão Justiça e Paz é ida de leigos que representam os agrupamentos sociais, por exemidantes, operários, juristas e outros. os, com nossos planos de trabalho, omissão Justiça e Paz se amplie, nder melhor os seus diversos setotividades.

4. Quais os maiores entraves para a reconciliação nacional que a Igreja defende, em sua opinião? Até onde podem ir seus esforços nessa trilha e na superação desses entraves?

As conturbações sociais geralmente deixam, após si, resíduos de vingança e de medo. Entre os que sofreram injustiças, muitos aguardam a hora de acertar as contas. Os que se excederam na aplicação e no desrespeito às leis e à pessoa humana temem o julgamento da história. São esses os entraves principais. A vingança e o medo desencadeiam brutalidades imprevisíveis. O cristianismo ensina, com experiência secular, que a História progride, quando a humanidade descobre a estrada do perdão mútuo, ponto de partida para o encontro com a justiça e a paz.

5. O Santo Padre se pronunciou, neste Ano Santo, em favor de uma anistia ampla e geral, que permita a reconciliação dos que se opõem, por problemas políticos e sociais. Como está sendo encaminhada essa proposta, no Brasil?

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, seguindo os passos de Paulo VI, encaminhou um pedido de anistia, plena e ampla, para presos, perseguidos, banidos e exilados, por motivos políticos. Estamos aguardando os resultados desta iniciativa feliz e oportuna.

6. Quais as características principais da anistia preconizada pela CNBB?

Anistia ampla e generosa para os presos, perseguidos, exilados e banidos por motivos políticos ou ideológicos. Julgamento público de todos os acusados de terem praticado crimes, por exemplo, contra a vida ou a propriedade, garantindo-lhes a proteção legal de defesa.

7. A principal mensagem da Campanha da Fraternidade do ano passado era de esperança. Neste ano, falou-se em Repartir o Pão e as representações da Via-Sacra enfatizaram os sofrimentos de Cristo, mostrando que eles foram semelhantes aos enfrentados por milhares de brasileiros, anônimos, nas favelas, nas fábricas e nas grandes cidades. A Igreja perdeu a esperança? Qual sua mensagem aos brasileiros, hoje?

A Igreja seria depositária infiel da mensagem de Cristo, se deixasse de plantar no mundo sementes de esperança. Na hora atual, "repartir o pão" da mesa, da amizade, da cultura e da participação social é um sinal e fonte de esperança. O Cristo que sofre hoje na criança desprotegida, no velho abandonado, na família sem casa ou sem alimentos, precisa ressuscitar. Se essa ressurreição não acontecer, a nossa Páscoa não será completa.

8. No início do atual governo, a direção da CNBB estabeleceu um contato com o Presidente da República e alguns chegaram a anunciar uma era de maior tranquilidade no relacionamento Estado-Igreja. Isso mudou o relacionamento?

Houve entendimentos, e não estão ainda encerrados, entre o Presidente da República e alguns de seus Ministros, com os responsáveis pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Estamos inclinados a pensar que o cerceamento das liberdades fundamentais "significam desrespeito às ordens das autoridades constituídas, configuram atos de indisciplina, enquadram-se na ilegalidade, traduzem desprezo pela dignidade do ser humano e ferem profundamente as tradições humanitárias do povo brasileiro. Nutrimos a certeza de que a autoridade suprema não os aprova, como o povo, que é cristão, não os aprova. Continuaremos reforçando estas vozes e cumprindo nossa missão de falar às consciências.

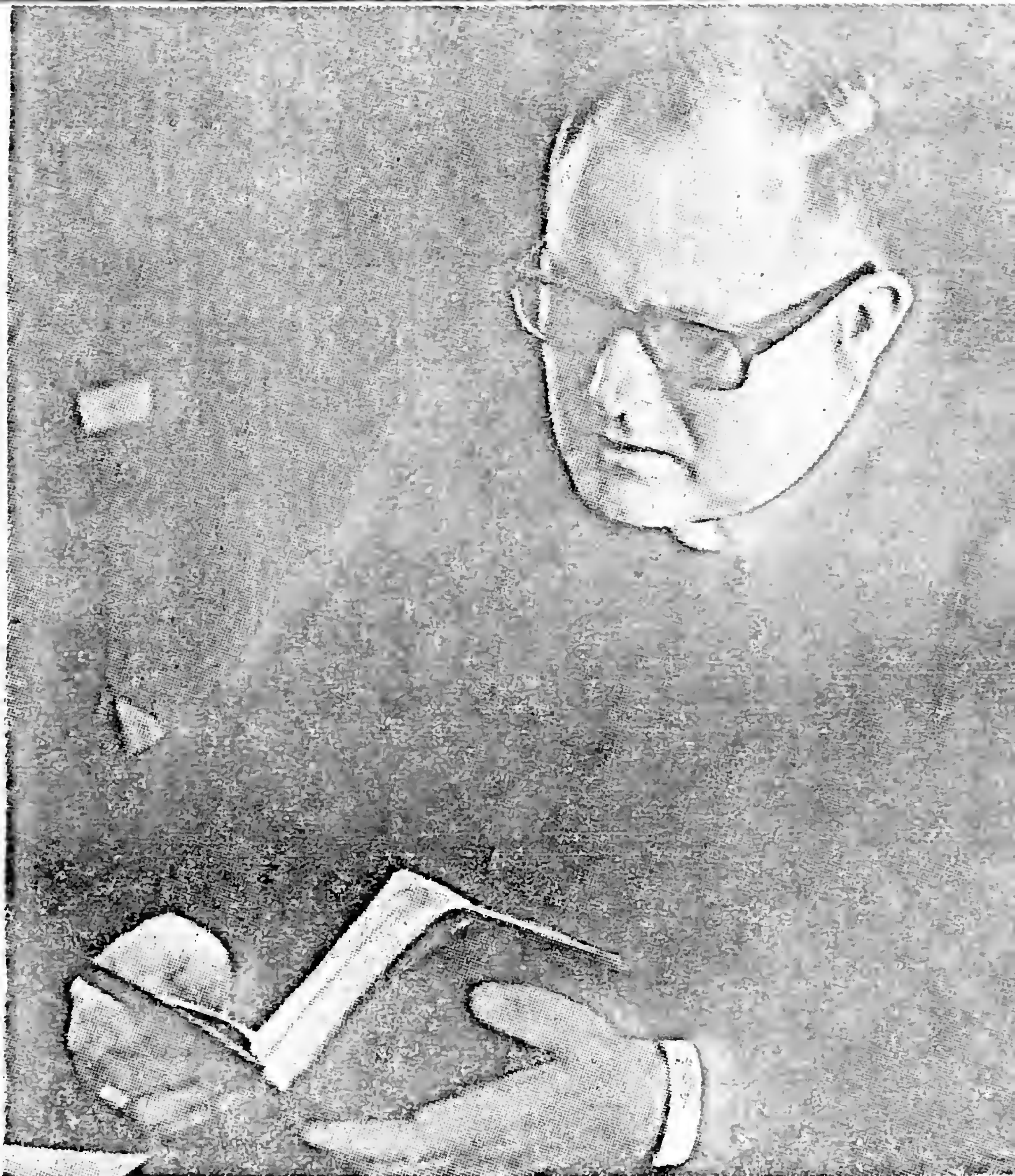
9. Desde quando a Igreja tem entre suas preocupações fundamentais os direitos humanos? Quais as bases evangélicas dessa preocupação?

Em continuação ao Antigo Testamento, pode-se dizer que Cristo deixou à sua Igreja o exemplo e a palavra. Ensinou mesmo que tudo o que se fizesse em favor do ser humano, por mais humilde que fosse, seria feito diretamente a Ele. Estava selada para sempre a dignidade inalienável do homem todo e de todos os homens.

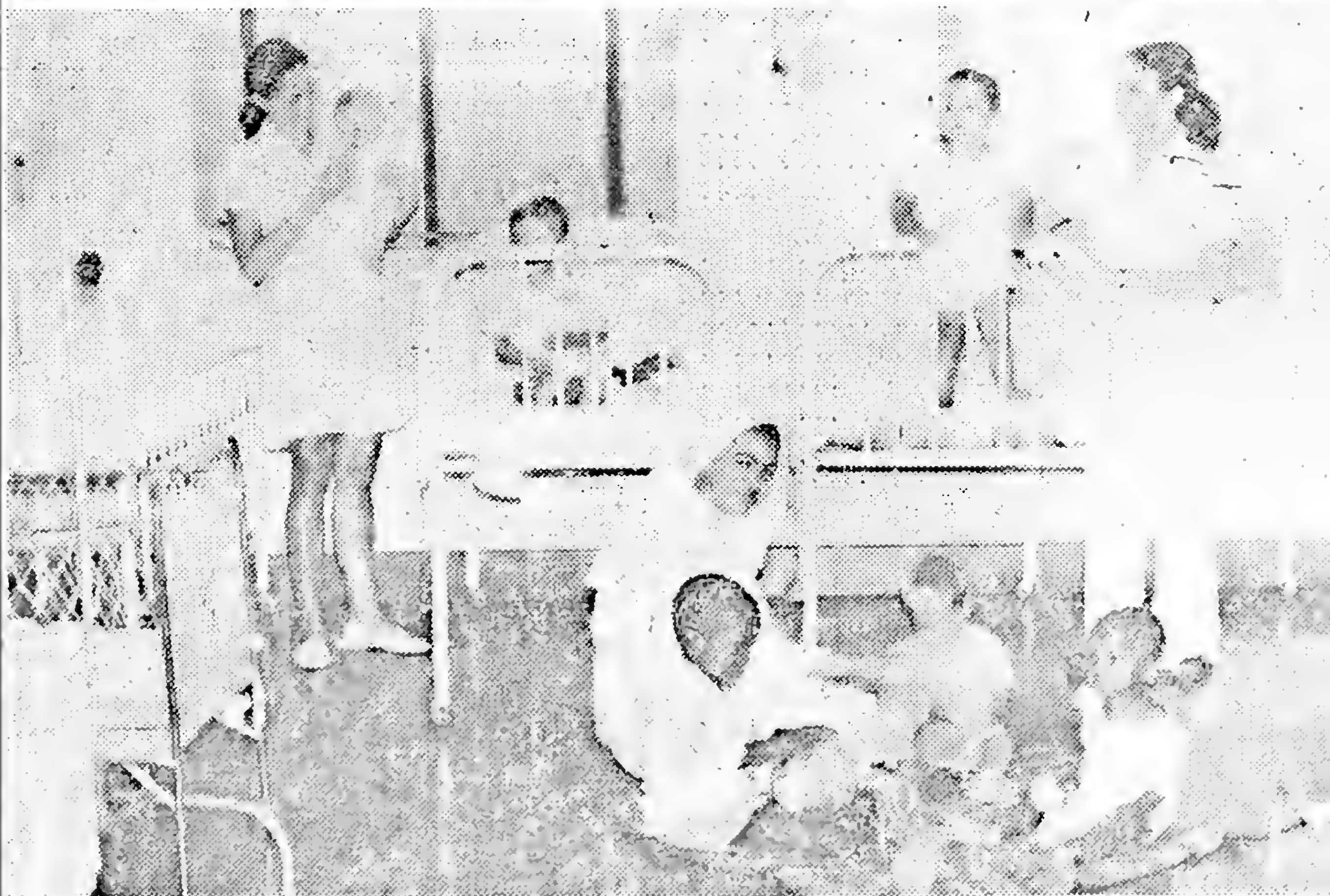
São Paulo, 8 de abril de 1975.

Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS

Neste primeiro domingo de maio, saudamos a Virgem Maria, a mais perfeita das criaturas, como modelo de virtude cujo culto é imprescindível para viver os divinos mistérios. "Maria é modelo excelentíssimo da Igreja, na fé, e na união com Cristo e na oração litúrgica" (Exortação Apostólica sobre o culto da Virgem Maria). Maria é aquela que sabe ouvir, sabe orar, sabe ser virgem e mãe. No Ano Internacional da Mulher em que tantos temas estão sendo debatidos, principalmente a respeito dos direitos, nós evocamos o exemplo de Maria, que sabendo mais que ninguém cumprir com os seus deveres, foi agraciada por Deus com privilégio muito além dos seus direitos... 397/15/95



Dom Aloisio Lorscheider, Presidente da CNBB, de passagem por São Paulo, concedeu entrevista a este semanário na qual aborda, em especial, as prioridades apontadas pelo Regional Sul I para elaboração do II Plano Bie



"Renascer no Espírito" é o lema que a Congregação escolheu para o seu centenário. "Renascer no Espírito" é o objetivo que toda a Congregação se propôs. Texto à página 12.

MÁRIA DA

LIBERTAÇÃO FEMININA

Pe. Zezinho scj

Os que hoje lutam pela emancipação da mulher merecem todo o respeito. Mas, com isso, entendem que a mulher precisa ser mais mulher estão certíssimas. Se, com isso pretendem que a mulher seja um homem ao avesso, estão movendo no molhado. E aqui começo minha reflexão sobre Maria de Jesus Cristo.

A mãe de Jesus tem certos valores que, por mais silenciosa que tenha permanecido, caem na vista de quem consegue um tempo para pensar nela e no que ela representou na vida do libertador dos homens.

Vou tomar um deles apenas. Falamos por exemplo do seu papel de mulher.

Quem era Maria? O que foi Maria como pessoa humana? Que tipo de senhora ou de garota foi Maria de Nazaré? Que amizades cultivava? Que tipo de coisas conversava com as amigas? Que roupas vestia? Que opiniões tinha sobre os homens? Que sonhos carregava no coração de menina moça? Que temperamento possuía?

Respostas a estas perguntas, infelizmente, somente com a ajuda amiga da imaginação ou com deduções filosóficas. Os evangelistas escrevem o evangelho de Jesus: não o de Maria. Naturalmente, que nunca tivessem se preocupado em dizer essas coisas. Maria foi, para eles, a moça virgem que teve esse filho admirável e, embora casada com José, não se fez mãe pelo mesmo processo que as outras.

Isso, hoje em dia, é um absurdo de primeira grandeza. Naquele tempo também era.

Assim como Jesus, Maria cabe muito pouco na lógica humana. Mas al-

guns detalhes de sua vida podem ajudar, e muito, a fazer uma idéia de quem foi Maria.

— A criança iria nascer. Ela pergunta sem titubear — Mas como, se eu sou virgem?

— José não sabia — Ela se cala pois não há o que explicar nem como explicar.

— Surge a gravidez e José reage — Maria permanece calada preparada para o que der e vier.

— José acredita e entende — Maria continua curtindo sua maternidade diferente.

— Isabel que já a enaltecera ouviu de Maria uma prece de agradecimento. — João iria nascer — Maria passou alguns meses com sua parenta para ajudar.

— E preciso fugir para o Egito? — Foge-se para o Egito. E daí? O lugar é o marido.

— Voltam para Nazaré e a mãe é uma presença firme.

— Incidente no tempo — Maria usa do seu direito e chama a atenção do menino. A diferença é que ela não rezou piedosamente como a pedir desculpas porque discordava de Jesus. Simplesmente o repreendeu porque a fizera sofrer aflita junto com José "TEU PAI E EU TE PROCURÁVAMOS AFLITOS... POR QUE FEZ ISSO?..."

É meio difícil imaginar essas palavras ditas sem energia materna.

Mais difícil ainda imaginar isso sem ternura e amor, mesmo que tenha havido uma repressão. A liberdade com que Jesus responde mostra o grau de diálogo que havia entre ambos. Seguramente, ali ne-

nhum dos dois era cordeirinho sumisso e indeciso. Quando Jesus voltou e obedeceu, foi por livre escolha assim como da parte de Maria, nas bodas de Caná haveria também uma insubmissão à vontade do filho, por livre escolha.

— O incidente nas bodas de Caná revela novamente o diálogo aberto que havia entre mãe e filho.

— “Eles estão passando vergonha... Não há mais vinho...”

— “A senhora sabe que não tenho nada a ver com isso. Ainda não posso intervir...”

— .!..!..! (silêncio de Maria)

Era como se Maria dissesse:

— Está bem. Mas você vai ter que explicar isto a eles...

Sua atitude não foi de sumissão e alienação. Questionou porque amava.

— Façam o que ele mandar...

Entre Maria e Jesus não havia discussões. Ela quando interferia sabia aonde queria chegar. Ele também. Isso explica porque Jesus reagiu quando aquela mulher elogiou, os seios que o amamentaram chamando-os de bemaventurados.

— Bemaventurado é quem leva a palavra de Deus a sério. (Ouve e põe em prática).

MARIA DE NAZARÉ sabia o que queria muito mais do que se pensa.

Há outras coisas que você descobrirá enquanto estiver lendo as narrativas de sua vida ligada à de Jesus. Experimente e verá.

LIBERTAÇÃO FEMININA SÓ ACONTECE EM QUEM SABE QUESTIONAR E CONSEGUIR DESCOBRIR QUE AS RESPOSTAS NÃO VEM DE FORA, MAS DO CORAÇÃO DA MULHER.



O PAPEL SOCIAL DA MULHER

O Ano Internacional da Mulher... promulgado pela ONU para 1975, provocou em todas as sedes apropriadas uma reflexão sobre o papel social da mulher, reflexão que encontra os seus pontos de referência em algumas instâncias de libertação dos movimentos femininos e algumas exigências de igualdade social que se estendem desde o campo dos direitos familiares até ao das reivindicações económicas no mundo do trabalho. Um arco de problemas que resulta, e ao mesmo tempo é, uma das causas do momento de evolução e também de ruptura da ordem tradicional da família em todo o mundo ocidental.

Esta densa temática, que atualmente se concentra de modo particular na discussão a favor ou contra a tendência de governos no sentido de liberalizarem ou regulamentarem a prática do aborto, proporcionou um confronto significativo de idéias e de estudos no âmbito da Comissão para a Família, que se reuniu recentemente para um balanço dos seus três anos de atividade.

Os problemas relacionados com a reflexão promovida dizem respeito particularmente à situação da mulher, que foi objeto de estudo de uma comissão "ad hoc". A relatora do grupo de estudo, Senhora Ema Cavallaro, primeiro membro feminino de uma comissão da Santa Se, descreve os problemas ligados ao papel da mulher na sociedade, analisados pelos trabalhos da Comissão para a Família.

OS PROBLEMAS EXISTEM

"Não podemos deixar de notar — disse — que estes problemas existem, que hoje as mulheres reclamam uma consideração maior do seu papel e um reconhecimento da maturação política, cultural e social ocorrida nestes anos. Há situações de ruptura que dizem respeito à vida da mulher no mundo do trabalho e na família. Situações já muito vivas a nível de opinião pública. Segundo o parecer dos membros da Comissão, o Ano Internacional da Mulher deve ser uma ocasião extremamente positiva para coordenar os estudos acerca destes problemas, a fim de que o debate se transforme num compromisso e não termine no dia 31 de Dezembro de 1975, mas se torne uma tomada de consciência real e uma reflexão positiva de longo alcance".

Não se trata apenas de emancipação, dado que algumas instâncias dos chamados movimentos feministas chegam a incidir profundamente sobre as tradições mais radicadas do costume social, tentando subverter os limites postos pela cultura sócio-religiosa à moral comum. Trata-se de uma função exigida pelas mulheres, o que volta a colocar em discussão a própria organização social.

POR UMA COLABORAÇÃO MAIOR

"Não se trata — disse Ema Cavallaro — de colocar em discussão todo o debate sobre a condição feminina, mas de colaborar na construção de uma sociedade diversa. Até hoje, com efeito, tivemos um mundo masculino com os seus valores, e outro mundo feminino, com os seus valores próprios. Basta pensar na educação familiar, escolar e, em sentido mais amplo, na sociedade: existem valores tipicamente masculinos, como a força, a coragem, a virilidade; e outros tipicamente femininos, como a doçura, a paciência e também a passividade. Dois mundos que subsistiram paralelamente mas também de forma separada até ao momento em que a mulher ingressou no mundo do trabalho; a partir de então, os valores culturais das duas componentes sociais misturaram-se e confundiram-se, dando origem a estas instâncias inovadoras.

UMA SOCIEDADE

RENOVADA

A "reflexão válida" nos nossos dias é, portanto, a de reconstruir uma sociedade, e não certamente a de substituir uma sociedade masculina pela feminina. De fato, o tipo de sociedade hodierna não corresponde nem sequer aos homens: assim como a mulher, também o homem sofre hoje em dia a dupla carga trabalho-família, provando mal-estar em consequência disso. Os movimentos feministas têm, neste contexto, unicamente o mérito de ter soleado de maneira viva e também folclorística, o problema; o mesmo, porém, realizavam-no há anos, e com muito mais tranquilidade, os movimentos femininos. Os movimentos feministas de hoje caracterizam-se por um determinado tipo de reivindicação internacionalista. O próprio aborto entra nesta ótica. É uma reivindicação de liberdade pessoal, que acaba por provocar efeitos contraditórios na própria condição da mulher. No fundo, o que os movimentos feministas nunca entenderam, ao agitarem a bandeira do aborto, é que estão a promover uma batalha contra a mulher. O aborto livre, gratuito — sejamos honestos — para que serve?"

"Não serve para tornar a mulher mais livre, mas para tornar os homens mais livres. Este é o grande engano de toda a questão: considera-se o aborto livre e gratuito como um fato de promoção, quando no fundo é apenas um fato de nova escravidão".

RENOVAÇÃO PASTORAL

Falar de renovação social significa também abrir a questão da possibilidade de renovar qualitativa e quantitativamente a presença do laicado católico e de renovar a própria pastoral da Igreja tendo em conta o conjunto dos problemas relativos à família. "Há tantas coisas a fazer a nível de sociedade e a nível de Igreja. Sob o ponto de vista social — continua Ema Cavallaro — verificamos uma falta de serviços prestados ao núcleo familiar, falta que agrava o estado de crise do mesmo: basta considerar os problemas de muitas famílias em que ambos os conjuges trabalham. A nível de Igreja, segundo a minha opinião, deve ser aprofundada a questão moral: se é verdade que a Igreja falou sempre de uma moral igual para todos, na prática este princípio não se concretizou corretamente; constatamos ainda hoje nos nossos Países católicos a

existência de uma dupla moral. Nasceu disso um duplo modelo que se repercute na educação dos jovens. Também em regiões com cultura diversa daquela ocidental, nas quais séculos de tradições não são menosprezados nem sequer por quem abraça a fé católica, existem problemas sérios neste campo.

EDUCAÇÃO SEXUAL

"A Comissão, ao abordar os múltiplos aspectos da problemática familiar, enfrentou em assembléia geral o argumento da educação sexual dos jovens, reivindicando neste âmbito o papel primário dos pais, mas não desconhecendo a utilidade, ao lado desta ação dos pais, de um adequado programa educativo no âmbito escolar.

"Não restam dúvidas de que os primeiros artífices da educação sexual dos jovens devem ser os pais, mas não se pode pensar que o problema possa ser solucionado apenas no interior da família, mesmo que esta seja qualificada e preparada. Importa que esta questão seja enfrentada na escola e talvez até no contexto cultural que anima os grupos de jovens. É evidente que qualquer programa deste género deve ser discutido com os próprios pais: uma perspectiva nova abre-se com a participação dos pais nos vários conselhos instituídos pelos decretos delegados (N.R.: Referência aos decretos aprovados pelo Governo Italiano no sentido de integrar numa ação comum no âmbito escolar, professores, alunos e pais). Há que ter presente que a mencionada questão na escola deve ser encarada em termos de educação, e não de simples informação sexual, que na substância é muito diversa".

A luz das muitas coisas ditas e dos contributos trazidos pelos diferentes especialistas, nasceu claramente a convicção de que, nestes anos de transição e desenvolvimento da sociedade, não se elaborou uma pastoral da família e do matrimónio bastante eficiente.

"Existem esforços individuais nos diversos Países e nas dioceses: seria necessário um trabalho paciente para reunir todas estas experiências e testemunhos, uma coordenação por parte do organismo central, da qual pode nascer uma documentação útil para todos. Trata-se de uma obra a realizar em colaboração com todas as Igrejas locais, e é a perspectiva que o Senhor D. João Benelli, Substituto da Secretaria de Estado, indicou na sua intervenção nos trabalhos da Comissão, como possível caminho operativo da nossa atividade".

VICENTE D'AMBRA

Duas mil mães acusam: somos responsáveis pelos menores marginais

"Cada menor abandonado, delinquente ou não, é uma acusação contra cada uma de nós" — afirmaram em documento duas mil mães de família em São Paulo que, na semana passada, encaminharam abaixo-assinado ao Secretário da Promoção Social, dr. Mário Altenfelder Silva, solicitando "amplo esclarecimento da opinião pública através da Secretaria". As duas mil mães perguntam, no documento, "de que adianta o desenvolvimento econômico, se verbas maiores não forem aplicadas para o desenvolvimento integral do menor", e afirmam que suas assinaturas "atestam nossa responsabilidade dentro da consciência que temos de que "o menor é vítima e não agente do crime".

No ato de entrega do memorial foi feito um discurso pela sra. Iris Arié representando a comissão de senhoras que encabeçam o movimento: Dora de Almeida Prado Pecci, Lia Santana Junqueira, Maiah Prissard Vianna e Maria Helena Gregori. Ele afirmou ser São Paulo "a cidade dos maiores índices de mortalidade infantil, de acidentes, de crimes, de violência, de poluição, de menores abandonados".

"O paulistano — prosseguiu — artifice dessa megalópolis, tem sido, ultimamente, sacudido por fatos brutais que o fazem sair da rotina de seu trabalho intensivo e acordar para uma realidade cruel. A todo momento, à sua volta, conhecidos seus, familiares, são vítimas de violências. Casos gritantes que atentam contra a dignidade das pessoas, lhe são diariamente apresentados, expostos na intimidade de seu lar pelos meios de comunicação, trazendo-lhes intranquilidade e angústia. Assaltos à mão armada, sequestros, mortes inúteis de inocentes, roubos vultuosos, "trombadinhas", o episódio de Camanducaia, a impunidade do Esquadrão da Morte. Aos menos avisados, aos que só buscam sua segurança pessoal, a solução imediata desses problemas se resume numa questão de maior vigilância, de força, de represália. No entanto, se buscarmos as causas primárias, se pusermos de lado nossos preconceitos, procurando ver com objetividade os fatos, sentir-nos-emos obrigados a assumir a responsabilidade, ainda que remota, por essa situação, não como agentes diretos, mas como omissos, integrantes de uma sociedade de consumo, desumana e egoísta, que infringe as regras mínimas que devem ser oferecidas ao ser humano desde o nascer".

Após apresentar à urbanização desenfreada, o fator sócio-econômico e o analfabetismo como os fatores principais do comportamento anti-social, a representante, falando em nome das milhares de mães que subscrevem o memorial, destacou a necessidade de que a população seja conscientizada desses fatos, para passar a adotar comportamento diferente frente aos menores marginalizados encontrados em nossa sociedade.

SECRETARIO PEDE COLABORAÇÃO DE TODOS

O Secretário da Promoção Social, dr. Mário Altenfelder Silva agradeceu a oportunidade que milhares de mães lhe estavam dando para um diálogo muito importante em relação ao problema do menor. Todas merecem elogios pela preocupação e devem alertar a toda população que ninguém deve ficar omissa quando a situação do menor urge providências para o seu bem-estar e desenvolvimento. Na execução do seu trabalho, disse o Secretário, ele tem as portas abertas para aceitar colaboração de todos.



Periferia: crianças misturadas com lixo

Um bairro que se chama Jardim Niterói apresenta este aspecto bem triste. Crianças que brincam misturadas com o lixo e que vivem completamente sem assistência do Estado ou da Prefeitura. No Jardim Niterói não existe uma escola sequer. A mais próxima está a três quilômetros de distância, no Jardim Consórcio. Também não há calçamento nem iluminação e muito menos rede distribuidora de esgotos, ou policiamento. Nem mesmo um posto médico. Como este há outros "jardins" pela periferia de São Paulo onde flores humanas estão à espera de tudo para poderem ser gente.

Jornal: O Estado
Data: 31/05/06 / 06/75

Pág.

Pasta n.º
N.º do recorte.....

Ano Internacional da Mulher

A IGREJA ORGULHA-SE DE TER EXALTADO A MULHER

O ANO DA MULHER está alertando o mundo para uma tomada de consciência do papel do sexo feminino na construção e desenvolvimento do mundo de hoje e do mundo do futuro. Reuniões vão se sucedendo por toda a terra e expressões de libertação, as mais diversas, despertam ou avivam a consciência da razão e da importância de ser mulher — complemento necessário para a edificação das comunidades e para as resoluções dos mais prementes problemas que afetam notadamente o Terceiro Mundo.

O tom feminino não pode e não deve faltar em qualquer circunstância da atividade humana. Este é o pensamento correto, justo, sem o que não poderá haver equilíbrio no mundo.

Atendendo a este apelo está se realizando na Cidade do México uma reunião comemorativa do Ano Internacional da Mulher. Representantes de diversos países estão debatendo, e creditamos nós, que papel deve a mulher desempenhar no concerto das nações. Sabemos que palavras tais como promoção, libertação são uma constante em todas as reuniões dessa espécie. Muitas vezes, porém, o sentido da libertação feminina está mesclado de uma independência tão grande, que nada mais é que a máscara de uma autêntica escravidão.

Mas o problema da libertação aí está com todas as suas facetas e nada mais importante para uma mulher do que sentir-se plenamente livre, consciente dos seus deveres e de suas responsabilidades.

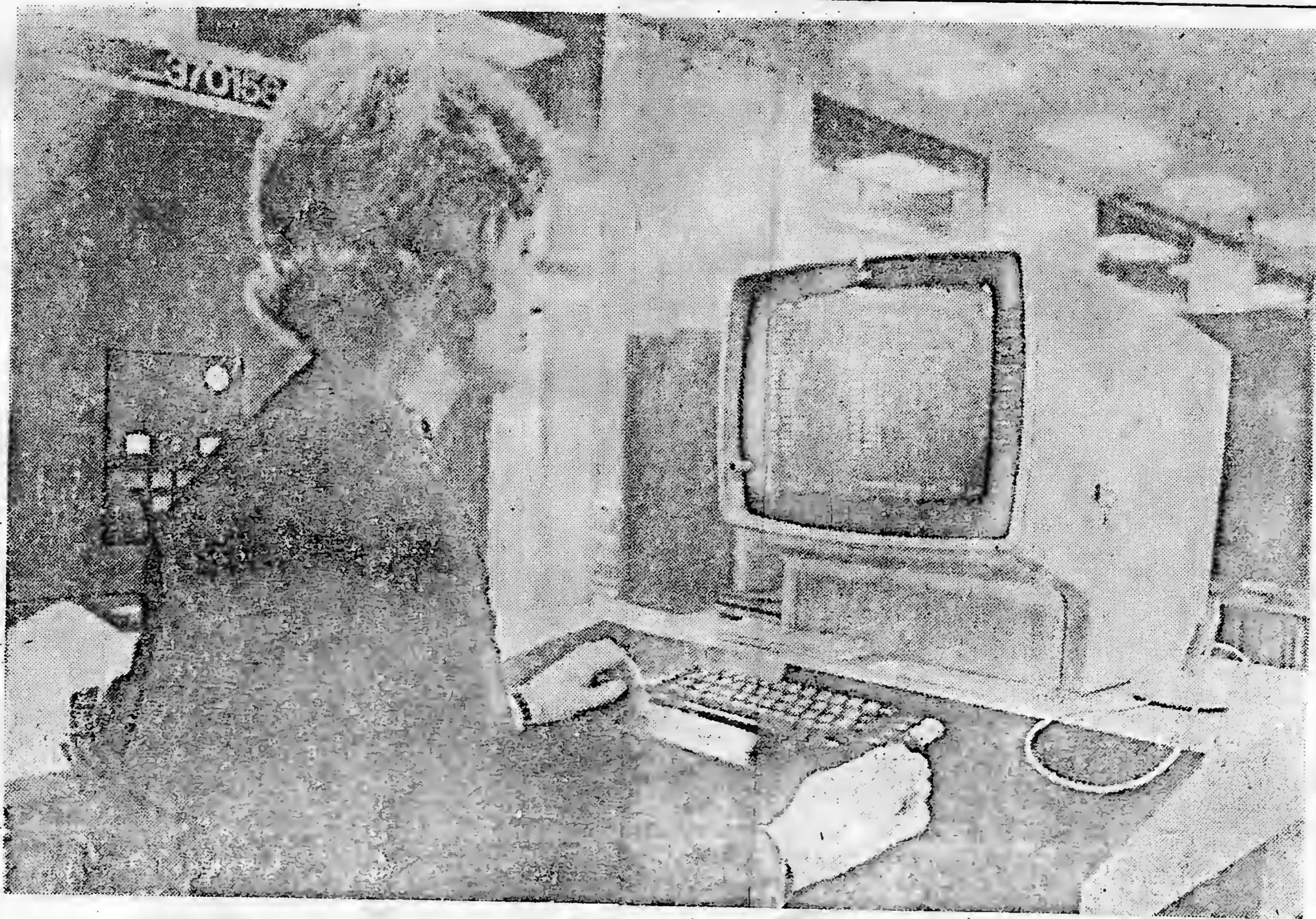
O quanto custa isso é que é preciso considerar. O grande estadista Disraeli afirmava, certa ocasião, no Parlamento inglês: "Quanto mais livre me sinto mais me apego às leis".

Toda libertação tem seu fundamento exatamente na obediência às leis da natureza e às leis divinas. Como todo ser humano, cada mulher é tanto mais livre quanto mais reconhecer sua dependência das sábias leis da natureza e do pensamento de Deus sobre ela. É dentro desta imensa e harmoniosa beleza que a mulher pode e deve fazer tudo o que quiser e sentir assim a sua verdadeira promoção e libertação. No momento em que ela se desvia — por pouco que seja — das leis da natureza e de Deus, começa a sua escravidão.

Muito embora o aspecto de libertação propalado por aquelas que se proclamam independentes de todas as leis possa oferecer atrativos, a História aí está a dizer o contrário, pois tais atrativos não duram, a independência leva a uma satisfação permanente cujo ponto final é uma profunda angústia, uma escravidão total.

Os padres conciliares, ao fim do Concílio Ecumenico Vaticano II, afirmavam em mensagem às mulheres que "A Igreja orgulha-se de ter exaltado e libertado a mulher", e de "ter feito resplandecer a sua igualdade fundamental com os homens".

Que as mulheres lá no México estejam atentas para não confundir liberdade com independência de princípios. E que os objetivos de "uma nova ordem internacional que beneficie por igual homens e mulheres" como quer esta reunião que congrega cerca de 10.000 mulheres sejam alcançados. Estes são os nossos votos.



Em plena atividade no mundo moderno, a mulher luta por seus direitos.



PRESIDENTE DO MÉXICO SAÚDA DELEGAÇÕES DO TERCEIRO MUNDO

Cerca de 10 mil mulheres participaram da abertura da Conferência Internacional da Mulher destinada a promover a igualdade de direitos entre ambos os sexos. A Conferência, patrocinada pelas Nações Unidas, poderá ser o cenário de um amplo confronto entre as idéias dos países industrializados e as dos países em desenvolvimento.

O primeiro indício disso surgiu quando o presidente Luís Echeverría, do México, em discurso de saudação às delegações do Terceiro Mundo, afirmou que "não existe mulher mais discriminada do que a

que não tem pão, remédios e escolas para seus filhos e, portanto, o mais importante é lutar pelo estabelecimento de uma nova ordem internacional que beneficie por igual a homens e mulheres".

Tudo indica que a conferência examinará a desigualdade existente entre as mulheres dos países industrializados e as dos países em desenvolvimento, sem discutir os assuntos que o presidente Echeverría qualificou de "escandalosos, extravagantes e perigosos" por tenderem a distrair a atenção da conferência do

fulcro principal do problema. Isso quer dizer que as mulheres debaterão, antes de tudo, a injusta distribuição de riquezas no mundo.

Ao chegar ao México para presidir a abertura da conferência, que qualificou de "histórica", o secretário das Nações Unidas Kurt Waldheim, declarou que a reunião foi planejada para criar um plano de ação capaz de integrar a mulher nos direitos de igualdade e proporcionar-lhes melhores condições de vida em todo o mundo.

A conferência reúne mulheres estadistas, ju-

ristas, professoras, artistas, enfim de quase todas as profissões, incluindo uma astronauta, Valentina Nikolaieva, da União Soviética. Maria Estela Martinez de Perón, presidente da Argentina, não pode comparecer por estar enfrentando dificuldades políticas em seu país.

Lea Rabin, mulher do primeiro-ministro de Israel, justificou sua posição favorável à maior participação da mulher nas questões internacionais dizendo que "se as mulheres mandassem no mundo, a paz seria mais segura, mesmo no caso de Israel e seus vizinhos".

FRIEDAN: Achei que seria importante para nós dialogarmos agora pela seguinte razão: o Movimento Feminista, que ambas, acredito, ajudamos a desenvolver através dos nossos livros e do nosso pensamento, tornou-se o maior movimento de mudanças sociais de base dos anos 70, o que cresce mais depressa e talvez o único realmente vital. Mas na América, e até certo ponto no resto do mundo, ele atingiu agora uma espécie de planalto, e revela uma certa indecisão.

DE BEAUVOIR: Acho que isso também é verdade para a França.

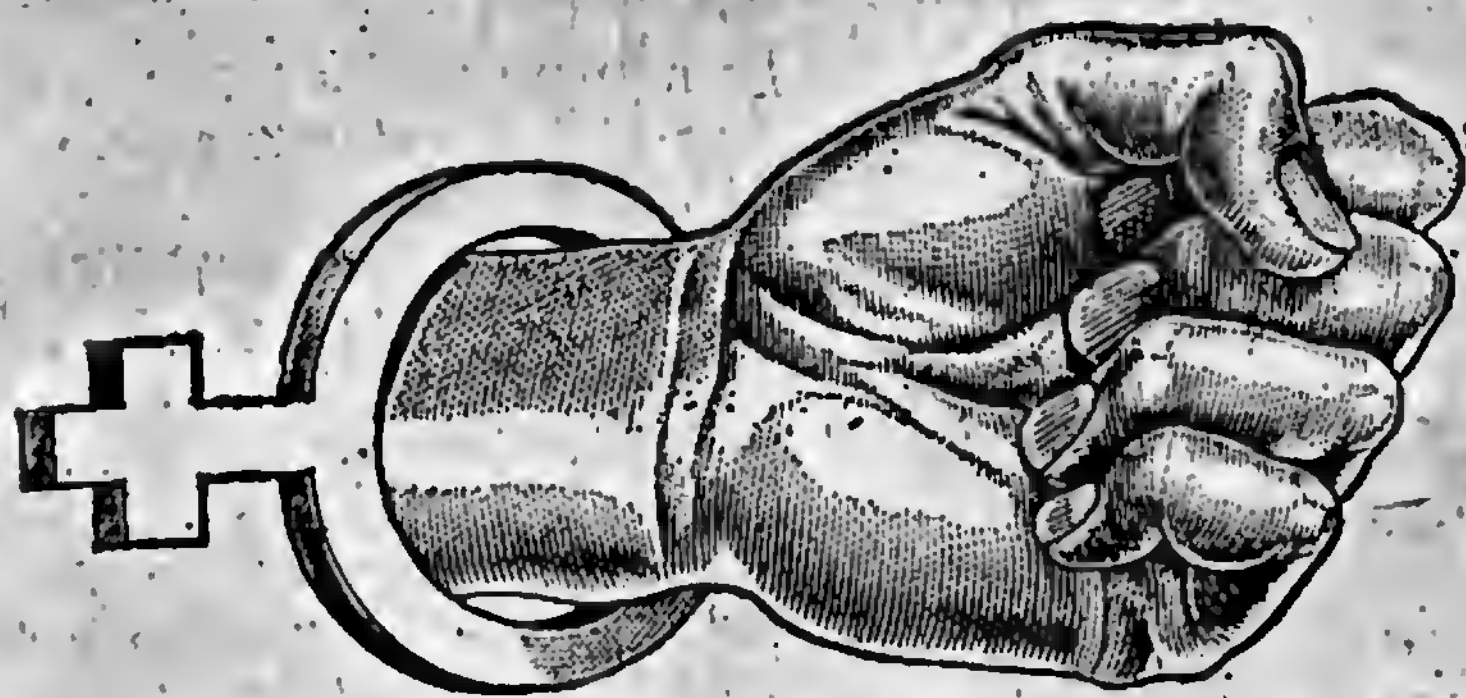
FRIEDAN: Nos últimos dois anos, na América, tem havido dispersão de energia em uma disputa ideológica interna. As mulheres começaram a compreender o seu poder político com a aprovação da Emenda sobre Direitos Iguais, logo antes das eleições de 1972, e com a decisão da Suprema Corte sobre o aborto. Nesse momento, forças da extrema direita deram início a uma campanha bem financiada destinada a impedir a ratificação da Emenda nos Estados e a derrubar a decisão sobre o aborto. De acordo com testemunhas que participaram do julgamento de Watergate, suspeitamos que agentes provocateurs também estavam em ação dentro do Movimento Feminista, fomentando as divisões e o extremismo e ventilando o pânico da discórdia da política sexual: "abaixo os homens, a criação dos filhos e a maternidade!" A tentativa de extrair uma ideologia política de uma preferência sexual, do lesbianismo, retirou energias da corrente principal e prejudicou o impulso político do Movimento Feminista.

DE BEAUVOIR: Bem, não estou tão certa disso. Você quer dizer que promover o "abaixo a maternidade, viva o lesbianismo" pode ser uma manobra para arruinar o Movimento?

FRIEDAN: Isso imobiliza politicamente o Movimento. Até um certo ponto, as diferenças ideológicas são legítimas. Algumas mulheres do Movimento acreditam realmente — e eu poderia discordar delas — que esta é uma luta de classes contra os homens, que a criação dos filhos, a maternidade e o sexo são os inimigos. Mas a minha impressão é que a superexposição dos temas sexuais, da política sexual como algo de oposto à condição da mulher na sociedade, pode ter sido acentuada pelos que querem imobilizar politicamente o Movimento. De acordo com as pesquisas de Gallup e Harris, a maior parte das mulheres americanas, e mesmo a maioria dos homens, defendem as metas básicas da igualdade para a mulher na sociedade. Mas quando se cria a impressão de que as mulheres devem renunciar ao amor dos homens ou dos filhos, aliena-se a maior parte das mulheres...

DE BEAUVOIR: Compreendo.

FRIEDAN: ...bem com se aliena, sem necessidade, os homens. Aliás, fico muito satisfeita por ver que agora você se define como uma feminista. Sei que a sua opinião atual é a de que uma mudança no sistema econômico, como o comunismo, não implica automaticamente na libertação das mulheres. Como relaciona a luta das mulheres com a luta mais ampla, econômica e política?



O DILEMA FEMININO

Um diálogo entre



5 Brasil 29/6/75 s/m
Simone de Beauvoir e Betty Friedan

A iniciativa deste diálogo partiu da escritora Betty Friedan, que queria "dividir com alguém mais sábio e mais velho os meus próprios temores de que o Movimento Feminista estivesse chegando a um beco sem saída". Recebida no salão parisiense da companheira de Sartre, em meio a tapeçarias orientais, gatos de porcelana e estatuetas, Betty Friedan sentiu inicialmente "a emoção de encontrar em pessoa um herói cultural". "Eu tinha vindo procurá-la com a sensação de que alguém devia ter a resposta certa". Mas logo em seguida o senso crítico começou a funcionar. "Ela exibiu a autoridade que eu tinha vindo procurar. Mas o que tinha a dizer sobre a mulher me parecia estéril, frio, uma abstração que tinha muito pouco a ver com a vida real de todas as mulheres que procuram dar um novo sentido à sua existência".

O feminismo e os sistemas

DE BEAUVOIR: Não acredito absolutamente que os sistemas socialista e comunista, tal como são praticados, atendam a essa necessidade. Mas acho que há uma poderosa relação entre a luta econômica e o movimento feminista, pelo menos aqui na França. Houve uma greve na fábrica de relógios de Lip em que 80% dos grevistas eram mulheres. A greve foi liderada pelas mulheres e durou seis meses, dando às mulheres uma noção do seu próprio poder econômico e, portanto, político. Mas embora elas tenham se mostrado muito ativas na greve, quando chegava a hora de determinar os plantões noturnos, se os maridos se opusessem, as mulheres diziam: "Okey, já fizemos muito pela greve, não precisamos prejudicar o nosso casamento." Assim, mesmo em seu ativismo, elas permaneciam subordinadas aos seus maridos, e inconscientes da sua relação com a condição geral das mulheres. Aqui, o grande problema do Movimento de Libertação das Mulheres é ligar essas lutas econômicas à luta feminista.

FRIEDAN: O MLM está adotando uma orientação mais econômica?

DE BEAUVOIR: Ele está muito dividido. Há feministas que se preocupam apenas com o que você estava falando — a revolta contra os homens, lesbianismo, etc. — mas há muitas outras que participam dos movimentos socialistas, que tentam ligar a luta sexual à luta de classes econômica e tentam trabalhar com as outras mulheres.

FRIEDAN: Em meu país, o processo de conscientização tem sido grande, mas estamos enfrentando uma situação de turbulência econômica em que as mulheres estão sendo demitidas. Com a retração dos orçamentos nas universidades e empresas, tem havido um retrocesso nos ganhos que as mulheres já tinham obtido. Pergunta-se: "Como é possível aplicar as normas que mandam empregar maior número de mulheres quando existe desemprego e outras preocupações mais sérias?"

DE BEAUVOIR: Aqui, por enquanto, ainda não é o que está acontecendo. Pelo contrário, o Governo tenta dar a impressão de que as mulheres estão sendo integradas. Mulheres são recebidas na Politécnica, mulheres são nomeadas presidentes de universidades, mas destas, as melhores compreendem que estes são apenas substitutos oferecidos pelas forças reacionárias. Uma mulher renunciou a um alto cargo porque não queria prestar-se a este papel.

FRIEDAN: Achamos que as mulheres deveriam aceitar todos os cargos que estivessem ao seu alcance na medida em que continuem a lutar para ampliar as suas oportunidades, e não se iludam quanto à natureza dos substitutos que se destinam a impedir uma verdadeira transformação.

DE BEAUVOIR: Essa atitude é muito criticada na França. Há algumas mulheres que pensam assim, mas muitas vezes são acusadas de serem "carreiristas", "elitistas", "privilegiadas." As que se recusam são mais consideradas.

FRIEDAN: Você concordaria em que não é apenas uma questão de eliminar a discriminação sexual aberta, mas que será necessário mudar as regras do jogo, a própria estrutura de trabalho — a separação classista de patrão e secretária, médico e enfermeira?

DE BEAUVOIR: Sim; é por isso que muitas mulheres acham que não deveriam jogar o jogo, pelo menos na sua atual estruturação.

FRIEDAN: E como vão comer?

DE BEAUVOIR: Elas não precisam obter lugares de destaque. Não têm de ser presidentes de universidade; podem ser simplesmente professores.

FRIEDAN: Você concorda com isso?

DE BEAUVOIR: Eu faço a pergunta a mim mesma. Acho que há alguma verdade nisso, porque se você quer realmente mudar a sociedade, não o fará aceitando cargos "honorários" ou posições de importância.

A inferioridade racionalizada

FRIEDAN: Por outro lado, se as mulheres querem ter condições de mudar a sociedade, precisam ter a confiança e a capacidade de participar de uma sociedade tecnológica avançada. Como chegarão a ter essa capacidade se não rompem as barreiras que lhes são colocadas e sobem na sociedade? Seu argumento pode ser usado para racionalizar uma posição de inferioridade contínua — rejeitando também a educação porque está contaminada pelo sistema.

DE BEAUVOIR: Educação é outro assunto. Pode-se ter uma educação de maneira a conseguir um instrumento, mas recusar utilizá-la para conseguir um lugar na "elite" de uma sociedade que rejeitamos. Muitas de nós pensamos, e eu também penso, que se a sociedade tem de ser mudada, isso tem de ser feito não a partir do topo, mas da base.

FRIEDAN: Somos escritoras, de modo que podemos obter um lugar de destaque na sociedade escrevendo criticamente sobre essa sociedade. Sua posição lhe dá o poder de influenciar milhões. Estaríamos servindo a causa feminista se não usássemos o poder que está em nós?

DE BEAUVOIR: Devido à maneira pela qual fui criada, e devido à situação na minha época — não havia feminismo — a idéia era de que as mulheres deveriam ser iguais aos homens. Mas agora há muitas mulheres que são tão profundamente feministas, que se recusam a ser iguais aos homens. Não acham que o objetivo seja alcançar um nome ou um lugar na sociedade, mas lutar e destruir essa sociedade. Há, por exemplo, uma recusa geral do que se chama o star system. Essas mulheres não assinam seus artigos nos jornais feministas; é um sistema coletivo, e ninguém assina. Recusam a idéia de concorrência, de glória masculina, de ambição e fama.

FRIEDAN: No Movimento Feminista, no movimento estudantil e, acho, mesmo no movimento negro, o argumento do elitismo foi usado para eliminar a estrutura democrática e as verdadeiras lideranças, para manipular e evitar a ação efetiva. Isso não elimina o poder; quando não há uma estrutura clara e responsável de liderança, fica mais fácil manipular o poder. Foi assim que se arruinou o movimento estudantil.

DE BEAUVOIR: Acho que na França o Movimento Feminista é muito mais espontâneo, e bastante real, bastante fundamentado, da parte das jovens mulheres que tentam viver de uma maneira diferente a sua condição. Naturalmente, há inconvenientes em não haver estrutura ou hierarquias; isso pode levar a dispersão, e prejudicar a unidade de ação. Mas recusar a burocracia e a hierarquia tem a vantagem de procurar fazer de cada ser humano um ser completo, e de romper a idéia masculina dos chefetes.

FRIEDAN: Se pudesse perguntar a um computador o que me interessa, uma das perguntas seria a de como estabelecer um "salário mínimo" para o trabalho doméstico, em termos de valor. Esse valor seria reconhecido pela previdência social, serviria para pensões, e seria contado na divisão de propriedades em caso de divórcio. A dona-de-casa das classes média e baixa gostaria disso.

DE BEAUVOIR: Não concordo absolutamente. Isto significa segregação; prende ainda mais a mulher em casa. Eu e minhas amigas do MLM não concordamos absolutamente com isso. Significa manter a idéia da mulher em casa, e eu sou contra isso.

FRIEDAN: Mas, você não acha que já que as mulheres fazem trabalhos caseiros, especialmente quando há crianças pequenas, esse trabalho deveria ser identificado a algum valor?

DE BEAUVOIR: Por que as mulheres? Esse é que é o ponto. As mulheres estão condenadas a ficarem em casa?

FRIEDAN: Não acho que tenham de ficar. As crianças deveriam ser responsabilidade do pai e da mãe — e da sociedade — mas hoje em dia muitas mulheres trabalharam apenas em casa enquanto os filhos estavam crescendo, e esse trabalho não tem sido valorizado nem como salário mínimo em termos de previdência social, pensões e divisão da propriedade. Poderia haver um sistema que desse à mulher condições de pagar pelo atendimento de seus filhos, caso decidisse ter poucos filhos para prosseguir nos seus estudos ou no seu trabalho. Se ela resolvesse encarregar-se por si mesma dos filhos, em regime de full-time, poderia receber ela mesma o dinheiro.

DE BEAUVOIR: Não, não acho que as mulheres devam ter essa opção. Nenhuma mulher deveria ser autorizada a ficar em casa para cuidar de seus filhos. A sociedade deveria ser inteiramente diferente. As mulheres não deveriam ter essa escolha; exatamente porque se houver essa opção, muitas mulheres a adotariam. É uma maneira de forçar as mulheres a tomar uma determinada direção.

FRIEDAN: Eu prefiro pensar nisso em termos de uma situação pluralística onde houvessem verdadeiras opções. Acho que a noção de família individualizada e os valores da maternidade são tão fortes no povo que não vejo um caminho político viável ou mesmo válido para eliminá-los. Se as pessoas quisessem escolher um estilo de vida comunitário tal como você o descreveu, essa possibilidade deveria estar a seu alcance. Mas eu gostaria de ver a criação de novas instituições na sociedade, de modo que os homens e mulheres que resolvessem adotar a família nuclear se vissem liberados dos rígidos papéis sexuais a que nos confinamos no que se refere ao trabalho doméstico, ao trato das crianças, etc. E os que quisessem manter os papéis convencionais também deveriam ter essa opção. O problema é que não tem havido opções.

DE BEAUVOIR: Na minha opinião, enquanto a família e o mito da família e o mito da maternidade e o instinto maternal não forem destruídos, as mulheres continuarão a ser oprimidas.

FRIEDAN: Bem, acho que nisso discordamos. Acho que a maternidade é mais que um mito, embora tenha havido uma espécie de falsa santidade identificada com ela.

DE BEAUVOIR: Logo que nasce uma menina, ela recebe a vocação da maternidade, porque a sociedade quer realmente que ela lave os pratos, o que não chega a ser uma vocação. De maneira a fazer com que ela lave os pratos, dão-lhe a vocação da maternidade. O instinto maternal é inculcado em uma menina pequena pelo tipo de brinquedo que lhe sugerem e por outras coisas. Enquanto isso não for destruído, a mulher não ganhará nada. Na minha opinião, campanhas como a do aborto não valem senão na medida em que são úteis na destruição da idéia da mulher como uma máquina reprodutora.

FRIEDAN: Acredita, então, que as mulheres não deveriam ser mães?

DE BEAUVOIR: Não, não estou dizendo isto, mas já que você está falando a respeito de opção, uma menina não deveria ser condicionada desde a primeira infância a querer ser mãe. Também não digo que os homens não deveriam ser pais, mas acho que isso deveria ser uma escolha, e não o resultado de um condicionamento.

FRIEDAN: Concordo com você em que deveria haver escolha e as mulheres deveriam poder escolher a hora de ter os seus filhos, se se decidissem a tê-los. Estamos tentando mudar a sociedade de maneira que a mulher, que por acaso é a pessoa que dá à luz, possa ser um ser completo na sociedade. É preciso criar uma perspectiva inteiramente nova quanto ao problema de cuidar das crianças — não apenas a mãe, mas a mãe, o pai, a sociedade como um todo, a situação comunitária, se você quiser, e o centro infantil e outras coisas. Dessa maneira, eu acho que muitas mulheres poderiam desejar ter filhos com mais alegria e responsabilidade. Acho que a maternidade é um valor importante na vida. Foi o que eu senti. E acho que muitas mulheres sentiram.

DE BEAUVOIR: Por que ligar a maternidade ao trabalho caseiro? Dessa maneira, o trabalho doméstico recebe uma espécie de compensação — a maternidade. Não, não concordamos, porque você expressa a idéia de remunerar o trabalho doméstico, enquanto eu acho que as mulheres deveriam ser liberadas do trabalho doméstico. Em que idade você dá a opção a uma menina? Se ela é condicionada desde o nascimento a achar que deve ter filhos, quando tiver 20 já não terá qualquer opção.

FRIEDAN: Ela deveria ter outras opções, mas não elimine aquela como uma opção possível. Quando obtive o seu Ph. D., você era uma pessoa muito rara; era a única mulher em um círculo intelectual. A sociedade agora é um pouco diferente. Será possível que na sua geração a maternidade era vista como algo que impediria a mulher de usar os seus talentos na sociedade, que se tornava necessário optar entre uma coisa e outra?

DE BEAUVOIR: Achei que eu não poderia ter filhos porque queria escrever. Mas estamos fugindo ao assunto. Acho que se o trabalho doméstico for pago, se transformará em uma maneira de aceitar a segregação e a estrutura que, através da maternidade, condena as mulheres ao trabalho doméstico. Sou totalmente contrária a isso.

FRIEDAN: Você não atribuiria nenhum valor ao trabalho que as mulheres vêm realizando?

DE BEAUVOIR: Acho que o valor é tal que deveria ser partilhado pelos homens — por todo mundo — e que as mulheres não deveriam ser forçadas a fazê-lo.

FRIEDAN: Nisso eu concordo...

DE BEAUVOIR: Então ele não deve receber um pagamento especial. A sociedade deveria estar organizada de tal maneira que esse trabalho fosse feito como algo comunitário — como um serviço público, talvez. Um chinês declarou: "Escovo os meus próprios dentes; não peço à minha mulher que o faça." Serzir meias deveria ser a mesma coisa; não deveria haver um setor especial para o trabalho doméstico — isto é o que eu considero escandaloso. Poderia haver lavanderias que fizessem o serviço para um edifício inteiro. Estamos caminhando cada vez mais para essa espécie de divisão do trabalho especializado.

FRIEDAN: Estamos falando sobre a sociedade de hoje ou sobre algum futuro remoto? Em alguns países comunistas, ao invés de reestruturar os serviços de maneira a incluir a maternidade, decidiu-se pagar às mulheres para ficarem em casa, e pagar mais aos homens para manter as mulheres em casa. Acho que esta é uma medida reacionária. Mas não é a mesma coisa do que dar às mulheres americanas de hoje, que estão em casa há 10 ou 20 anos, o direito à previdência social ou às pensões de aposentadoria, por exemplo. Algum valor deveria ser atribuído ao trabalho que elas vêm fazendo.

DE BEAUVOIR: Se você põe a coisa no participio passado, está bem; mas a sociedade deve mudar. Assim como você não paga a alguém para escovar os seus dentes ou lavar as suas mãos, da mesma maneira cada um fará o seu próprio trabalho: lavar os seus próprios pratos, limpar o seu próprio canto, fazer a sua própria cama, etc. etc. O trabalho doméstico desaparecerá.

Perpetuando a espécie

FRIEDAN: Um detalhe sobre a maternidade. Acho que não é nem bom, nem necessariamente desejável, renunciar a todos os valores da maternidade na medida em que se tenha uma opção e que as mulheres não sejam condicionadas a pensar que devem, ou deveriam, gastar suas vidas nesse papel. Nesse caso é possível afirmar todos os valores que realmente existam na maternidade.

DE BEAUVOIR: Também há valores na paternidade, mas ninguém os menciona. Sim, há valores, mas valores duvidosos, ambíguos, porque ao mesmo tempo é preciso pensar na maneira como as crianças são tratadas. A libertação das crianças é uma idéia muito interessante. Atualmente, a criança é o objeto dos pais. A relação entre pais e filhos é muito difícil.

FRIEDAN: Como você sugeriria, então, que perpetuássemos a raça humana?

DE BEAUVOIR: Já há bastante gente no mundo!

FRIEDAN: Quero falar por um minuto a respeito do amor e do casamento e do sexo em sua relação com o Movimento Feminista. Acho que o relacionamento sexual com um homem não é algo necessariamente mau ou negativo ou contrário à libertação da mulher. Devíamos realmente ser capazes de extrair prazer disso. O que subverte o sexo é o papel inferior da mulher na sociedade durante todo o dia, sua falta de valor próprio. A desumanização do sexo, sua exploração e o machismo dos homens são provocados pela desigualdade da mulher. Quando isso mudar, poderá haver uma verdadeira libertação sexual.

DE BEAUVOIR: Deve-se obter uma relação sexual ou amorosa que não seja opressiva, que não seja mais uma relação de "casta". Tal como as coisas existem hoje, a relação é a de uma casta superior com outra inferior.

FRIEDAN: Quando as mulheres tiverem verdadeira independência econômica, quando tivermos a nossa própria identidade, quando nos sentirmos tão pessoas quanto os homens se sentem — o que também pode ajudar os homens a se valorizarem a si mesmos — poderemos então relacionar-nos com base na igualdade e no respeito pela pessoa de cada um. Você não acha que dessa maneira a necessidade e a possibilidade do amor e da intimidade sexual poderiam ser preenchidas?

DE BEAUVOIR: Naturalmente, mas estamos tão longe da igualdade sexual...

FRIEDAN: Acho que se resolve a questão do sexo resolvendo-se a da igualdade, e não renunciando ou pedindo às mulheres que renunciem ao amor ou à relação sexual.

DE BEAUVOIR: Naturalmente que não, mas uma mulher pode amar a um homem ou a uma mulher de maneira que o desejar em um mundo de igualdade. Enquanto ela não for igual, assume um risco muito grande.

FRIEDAN: Tenho citado muitas vezes algo que li pela primeira vez na sua obra. Você disse que uma mulher sente-se inferiorizada sexualmente porque fica na posição inferior. Você achava, e eu concordo com isso, que ela estava simplesmente expressando o seu ressentimento por ter a posição inferior na sociedade, de uma maneira geral.

DE BEAUVOIR: Certamente, trata-se de um fato cultural.

FRIEDAN: Assim, não é o sexo que diminui as mulheres; é a sociedade.

DE BEAUVOIR: É claro. Mas o sexo se torna o símbolo do que a sociedade pretende.

FRIEDAN: Quando mudarmos a sociedade, poderemos escolher a nossa sexualidade.

DE BEAUVOIR: Concordo plenamente.

FRIEDAN: Para voltar ao político: a minha opinião é de que as mulheres, liberando-se da passividade, já não serão manipuladas tão facilmente, e deixarão de ser uma força conservadora e reacionária. Esta, acho eu, é a ameaça aos grupos estabelecidos de poder. Mas as mulheres poderão libertar-se a si mesmas se não se relacionarem também às grandes questões políticas do seu tempo?

A luta localizada

DE BEAUVOIR: Acho que a política tal como ela existe não me interessa. Pessoalmente, não voto. O que me interessa é o trabalho que pode ser feito por certos movimentos feministas e alguns jovens movimentos revolucionários — solapar o regime e não jogar o seu jogo. A sua política é não tomar parte na política. Eles acham que a política feminista consiste em não tomar parte nessa luta dos homens. Concordo até certo ponto, dependendo de que luta se trata.

FRIEDAN: Mas se feminismo significa não tomar parte na política, que será das mulheres quando os homens se tornarem fascistas e fizerem a guerra nuclear?

DE BEAUVOIR: Até certo ponto, eu disse. Naturalmente, se eu fosse americana, teria lutado contra a guerra do Vietnã. Mas há meios de não entrar na luta dos homens, em seus conchavos políticos, o que é muito feminista.

FRIEDAN: Como?

DE BEAUVOIR: Isso já é muito complicado; saber como lutar contra uma guerra nuclear já nos levaria realmente muito longe. Antes que todas essas perguntas que você fez sejam respondidas, é preciso mudar a sociedade.

FRIEDAN: Mas de que maneira ela mudará?

DE BEAUVOIR: Já estamos a caminho. Há movimentos negros, dos jovens, das mulheres. Estas não são minorias. As mulheres não são uma minoria — forças marginais, se você preferir.

FRIEDAN: Isso é exatamente o que eu procuro: que de alguma maneira unamos nossas forças às de outros movimentos que procuram desenvolver a vida humana, e façamos a sociedade caminhar. De outra maneira, ficaremos de fora, e teremos, acho eu, o fascismo.

DE BEAUVOIR: Juntar as forças não: cada um deve fazer o seu trabalho em seu lugar, à sua maneira, em seu próprio grupo... Cada grupo explodirá o seu lado. Mas é preciso alguma ligação entre isso ou aquilo para que o trabalho seja feito; por exemplo, executar o trabalho das mulheres.